

2022

VOLUME 5 | NÚMERO 2

SEMESTRAL

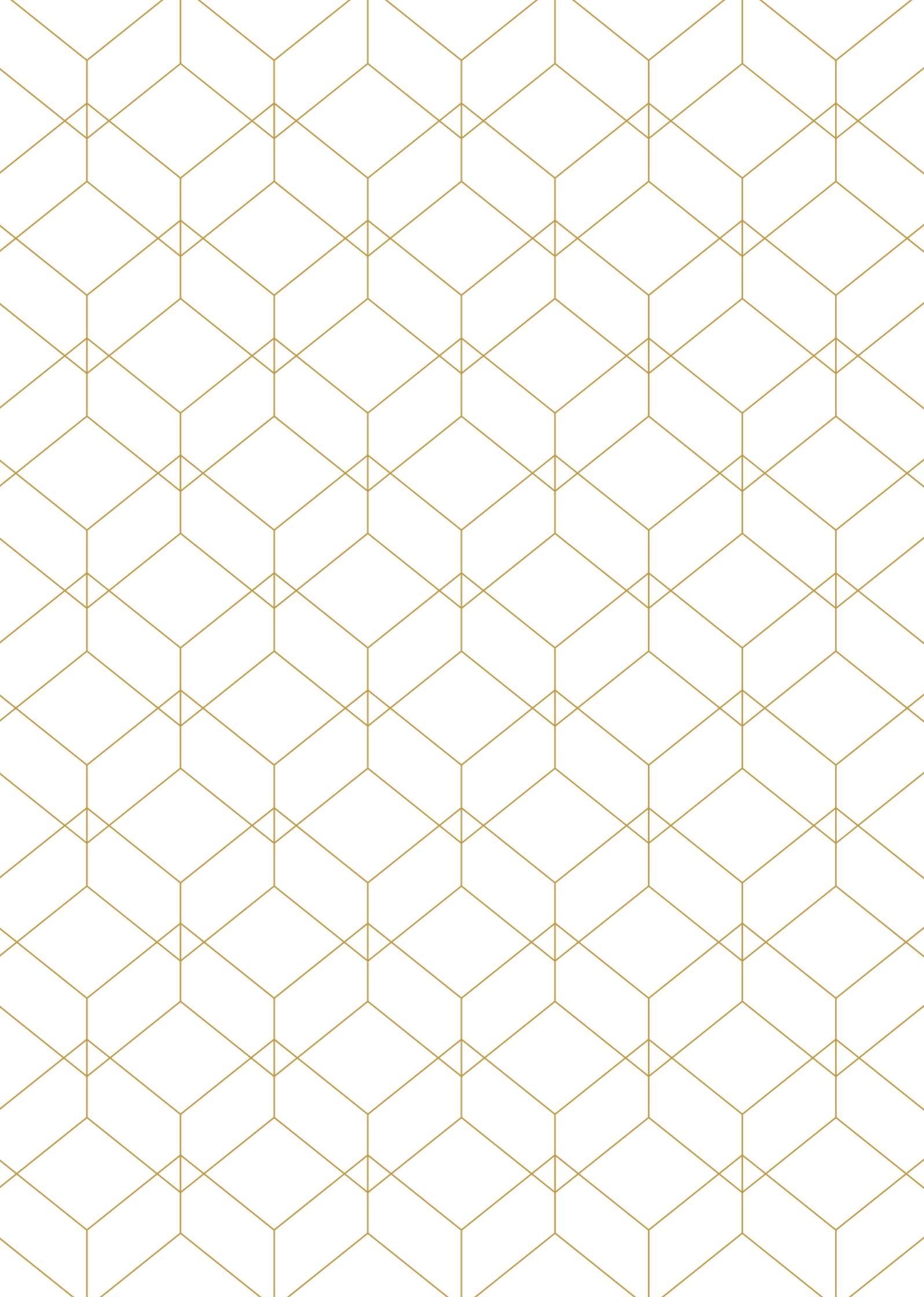
ISSN (ONLINE): 2184 – 3090

ERC: 127195



**HERANÇA**  
Revista de História, Património e Cultura







**“TEMPO DE POESIA”**

“Todo o tempo é de poesia.

Desde a névoa da manhã  
à névoa do outro dia.

Desde a quentura do ventre  
à frigidez da agonia.

Todo o tempo é de poesia

Entre bombas que deflagram .  
Corolas que se desdobram.  
Corpos que em sangue soçobram.  
Vidas que a amar se consagram.

Sob a cúpula sombria  
das mãos que pedem vingança.

Sob o arco da aliança  
da celeste alegoria.

Todo o tempo é de poesia.

Desde a arrumação do caos  
à confusão da harmonia.”

**António Gedeão** in *Poesias Completas*





HERANÇA

**Ficha técnica**

Sede Social, Editor e Redação:

Startup Madeira - Campus da Penteada

9020 - 105 Funchal, Madeira

E-mail: [geral@ponteditora.org](mailto:geral@ponteditora.org)

Telefone: 291 723 010

URL: [Ponteditora – Formar uma pátria de língua portuguesa tendo por base a ciência.](http://Ponteditora – Formar uma pátria de língua portuguesa tendo por base a ciência.)

URL (revista): [Herança - Revista de História, Património e Cultura \(ponteditora.org\)](http://Herança - Revista de História, Património e Cultura (ponteditora.org))

**Diretora/Editora-Chefe:** Isabel Cruz Lousada, PhD

**Periodicidade:** Semestral

**Propriedade:** Ponte Editora, Sociedade Unipessoal, Lda.

**NIPC:** 514 111 054

**Composição do Capital da Entidade Proprietária:**

10.000€, 100% detido por Ana Leite, Doutoranda.

**Gestão/gerência (não remunerada):** Eduardo Manuel de Almeida Leite, PhD.

ISSN (online): **2184-3090**

ERC: **127195**



# EQUIPA EDITORIAL

## EDITORA - CHEFE

**Isabel Cruz Lousada**  - Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva da NOVA FCSH. Licenciada, Mestre e Doutora pela Universidade Nova de Lisboa tem feito o seu percurso académico na interseção das áreas científicas nas quais se inscrevem os Estudos sobre as Mulheres. Atualmente integrada no CICS.NOVA é também investigadora colaboradora do CLEPUL - Grupo de Investigação 6 - Brasil-Portugal: Cultura, Literatura e Memória, no qual co coordena o projeto “Senhoras do Almanaque”, com Vânia Pinheiro Chaves. Na CIDH - Cátedra Infante D. Henrique coordena com Isabel Baltazar o grupo de investigação MCCLA - Mulheres, Cultura, Ciências, Letras e Artes. Sócia fundadora do MIMA - Museu Internacional das Mulheres - Associação; Conselheira da CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Membro da Direção do Subgrupo WWIH - Women Writers in History da rede DARIAH; Vice-Presidente da AMONET - Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas; Vogal da Secção de História da Medicina da SGL - Sociedade de Geografia de Lisboa). Membro da SPESXVIII – Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, atualmente na Presidência. Sócia da APE – Associação Portuguesa de Escritores e do P.E.N. Clube Português, Portugal.

## EDITOR - ADJUNTO

**Margarida Pocinho**  - PhD em Educação pela Universidade da Madeira. Professora Associada na Universidade da Madeira, com Agregação no Departamento de Psicologia da Faculdade de Artes e Humanidades, Portugal. Vereadora da Câmara Municipal do Funchal para a Educação, Ciência e Apoio Social desde outubro de 2021. Frequentou cursos avançados internacionais em musicoterapia na Université Paris V e na U.S. Culture and Society como Fulbright Fellow na New York University, EUA. É investigadora colaborativa no Instituto de Psicologia Cognitiva da Universidade de Coimbra (Portugal) e investigadora integrada no CinTurs- Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar da Universidade do Algarve. Foi também avaliadora de bolsas de projetos - FCT e H2020 e Coeditora Convidada de revistas indexadas (Q1, L1-Educational Studies in Language and Literature).

## EDITORES ASSOCIADOS

**Chih-Chieh Yang**  - PhD em Direito, Professor Associado da Universidade de Ciência e Tecnologia do Sul de Taiwan, China.

**Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos**  - PhD em Comunicação e Cultura, Professor Adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Regente da Disciplina de Pesquisa de Mercado e Opinião Pública; Chefe do Departamento de Métodos e Áreas Conexas; Vice Líder do Laboratório de Estudos de Comunicação Comunitária (LECC CNPq/ECO UFRJ); Conselheiro Representante dos Professores Adjuntos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) no Conselho Universitário (CONSuni), Brasil.

**Daniela Flor Coelho Melo**  - PhD em Ciência Política, Professora Assistente da Universidade de Boston, Estados Unidos da América.

**Fabrizio Ricciardelli** – PhD em História Medieval, Diretor do Centro de Florença da Universidade de Kent, foi Professor de História da Universidade de Georgetown em Villa Le Balze, Itália.

**Francisco das Neves Alves**  - PhD em História, Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

**Gabrielė Šalčiūtė Čivilienė**  - PhD em Humanidades, Professora do Kings's College de Londres.

**Ramona Mihăilă**  - PhD em Literatura e Estudos de Género, Vice-Reitora de Relações Internacionais da Universidade Dimitrie Cantemir, Roménia.

# CONSELHO CIENTÍFICO

**Ana Maria Pires da Silva**  - PhD em Antropologia, foi Quadro Superior no Ministério da Educação; Lecionou a disciplina de Introdução ao Pensamento Contemporâneo na Universidade Lusófona; Vice-Presidente da Secção de História da Medicina da Sociedade de Geografia de Lisboa; Fundadora e Presidente do Conselho Fiscal da AC RIM - Associação de Cancro do Rim Portugal; Voluntária no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, Portugal.

**Ana Pérez-Quiroga**  - PhD em Arte Contemporânea. Artista. Investigadora no Center for Art and Artistic Research CHAIA-EU, Portugal.

**António Almeida**  - PhD pela Universidade de Newcastle upon Tyne. Equivalência ao grau de Doutor em Ciências Económicas e Empresariais pela Universidade dos Açores. Docente da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, Portugal.

**António Pires Ventura**  - PhD em História contemporânea pela Universidade de Lisboa. Professor Catedrático do Departamento de História da FLUL, Portugal.

**Antonella Cagnolati**  - PhD em História contemporânea pela Universidade de Lisboa. Professor Catedrático do Departamento de História da FLUL.

**Arlinda Manuela dos Santos Cabral**  - PhD em Sociologia da Educação, Conhecimento e Cultura, Professora Auxiliar da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Investigadora Integrada do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED); Coordenadora da ReLeCo NE-ES - Núcleo de Estudos Africanas: Educação e Sociedade (CeIED/ULHT), Portugal.

**Ayse Nur Erek**  - PhD em História da Arte, Moderna e Contemporânea, História Urbana e Património Cultural, Professora Associada na Universidade de Istambul, Turquia.

**Chih-Chieh Yang**  - PhD em Direito, Professor Associado da Universidade de Ciência e Tecnologia do Sul de Taiwan, China.

**Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos**  - PhD em Comunicação e Cultura, Professor Adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Regente da Disciplina de Pesquisa de Mercado e Opinião Pública; Chefe do Departamento de Métodos e Áreas Conexas; Vice Líder do Laboratório de Estudos de Comunicação Comunitária (LECC CNPq/ECO UFRJ); Conselheiro Representante dos Professores Adjuntos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) no Conselho Universitário (CONSuni), Brasil.

**Daniela Flor Coelho Melo**  - PhD em Ciência Política, Professora Assistente da Universidade de Boston, Estados Unidos da América.

**Dionísio Vila Maior**  - PhD em Literatura Portuguesa, Professor Associado com Agregação na Universidade Aberta; Professor Visitante da Universidade de Pádua (Itália) e da Universidade de Marie Curie (Polónia); Júri da Associação Portuguesa de Escritores (APE), Portugal.

**Dora Maria Nunes Gago**  - PhD em Línguas e Literaturas Românticas, Professora Associada da Universidade de Macau, China.

**Eva Blay**  - PhD em Sociologia. Professora Emérita da Universidade de São Paulo.

**Fabrizio Ricciardelli** – PhD em História Medieval, Diretor do Centro de Florença da Universidade de Kent, foi Professor de História da Universidade de Georgetown em Villa Le Balze, Itália.

**Filipe Abraão Martins Couto**  - PhD em Filosofia, Professor Auxiliar Convidado da Universidade Nacional Timor-Lorosae, Timor-Leste.

**Francisco das Neves Alves**  - PhD em História, Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

**Gabrielė Šalčiūtė Čivilienė**  - PhD em Humanidades, Professora do Kings's College de Londres.

**Inês Mendes Moreira Aroso**  - PhD em Ciências da Comunicação, Professora Auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e Investigadora Integrada no LabCom (Universidade da Beira Interior), Portugal

**Isabel Cristina Ferreira Neves Baltazar**  - PhD em História e Teoria das ideias, Instituto de História Contemporânea (IHC) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

**Isabel Idelzuite Lustosa da Costa**  - PhD em Ciência Política, CHAM - Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

**Joana Maria Balsa Carvalho de Pinho**  - PhD em História da Arte, Artis - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.

**João Paulo Queiroz**  - PhD em Belas Artes especialidade Teoria da Imagem. Professor Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Portugal.

**José Cristian Góes**  - PhD em Comunicação e Sociabilidade, Universidade Federal de Minas Gerais; Assessor de Comunicação da Advocacia-Geral da União, Brasil.

**José Esteves Pereira**  - PhD em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Professor Catedrático Departamento de Estudos Políticos na NOVAFCSH / CHC - Centro de História da Cultura, Portugal.

**Katalin Krasznahorkai**  - PhD em Arte Contemporânea, investigadora convidada na Universidade de Zurich, Suíça.

**Luísa Marinho Antunes Paolinelli**  - PhD em Literatura Comparada - Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, Professora Auxiliar do Centro de Competências de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, Portugal.

**Maria Alexandre Lopes Campanhã Lousada**  - PhD em Geografia Humana (Geografia Histórica), Faculdade de Artes e Humanidades, Universidade de Lisboa. Investigadora no Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

**Maria da Conceição Albuquerque Emiliano Onofre Castel-Branco**  - PhD em Estudo Anglo-Portugueses, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

**Maria de Fátima Nunes**  - PhD em História, Universidade de Évora - IHC - Polo da Universidade de Évora, Portugal.

**Maria Helena Teixeira Maia**  - PhD em Arquitetura, Investigadora do Centro de Estudo Arnaldo Araújo, Professora Auxiliar da Escola Superior Artística do Porto, Portugal.

**Maria Idalina Ferreira Pereira Sardinha**  - PhD em Estudos da Arte, Conselho de Cultura da Universidade da Madeira, Portugal.

**María de la Paz Pando Ballesteros**  - PhD História Medieval, Moderna e Contemporânea. Professora na Universidad de Salamanca: Salamanca, Castilla y León, Espanha.

**Mário Vítor Bastos**  - PhD em Literatura Inglesa, Professor Auxiliar do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, Portugal.

**Nicole Shea**  - PhD em Literatura Comparada, Universidade de Binghamton, Nova Iorque, Estados Unidos da América.

**Olga Rusinova (Roussinova)**  - PhD em História da Arte Europeia, Professora Associada da Faculdade de Humanidades da Universidade de Economia de Moscovo, Rússia.

**Patrícia Alexandra Dias Santos Pedrosa**  - PhD em Projetos Arquitetónicos, Professora Auxiliar Convidada da Universidade da Beira Interior, Portugal.

**Paula Alexandra Ochôa de Carvalho Telo**  - PhD em Ciência de Informação, Professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, CHAM – Centro de Humanidades, Portugal.

**Paulo Campos Pinto**  - PhD em Estudos da Cultura, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Portugal.

**Pedro Urbano da Gama Machuqueiro**  - PhD em Ciências Históricas, Instituto de História Contemporânea - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

**Pekka Johannes Touminen**  - PhD em Antropologia Social e Cultural, Estudos Urbanos e Etnografia, Universidade de Helsínquia, Finlândia.

**Ramona Mihăilă**  - PhD em Literatura e Estudos de Género, Vice-Reitora de Relações Internacionais da Universidade Dimitrie Cantemir, Roménia.

**Ria Lemaire-Mertens**  - PhD em Letras, Professora Emérita da Universidade de Poitiers, França.

**Ricardo Oliveira de Freitas**  - Pós-Doutorado em Estudos Culturais e Mídia, Professor Permanente da Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil.

**Roberta Maria Bueno Bocchi**  - PhD em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; FINEDUCA; Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, Brasil.

**Rossana Andreia Neves dos Santos**  - PhD em Turismo, Universidade da Madeira, Portugal.

**Sandrina Francisca Teixeira**  - PhD em Comunicação, Professora Adjunta do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto e Investigadora no CEOS.PP e no CEPESE (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade), Portugal.

**Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva Ferreira**  - PhD em História da Arte, Investigadora Contratada do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

**Tânia Ferreira Rezende Santos**  - PhD em Estudos Linguísticos, Professora Associada da Universidade Federal de Goiás, Brasil.

**Susana Teles**  - PhD em Gestão pela Universidade Lusíada. Pró-Reitora e Diretora de Curso do Mestrado em Gestão Hoteleira, Universidade da Madeira, Portugal.

**Tânia Ferreira Rezende Santos**  - PhD em Estudos Linguísticos, Professora Associada da Universidade Federal de Goiás, Brasil.

**Vanda Maria Gonçalves de Sousa**  - PhD em Estudos de Cultura, Professora Adjunta da Escola Superior de Comunicação Social, Portugal.

**Vitor Serrão**  - PhD em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Professor Catedrático na FLUL / ARTIS-IHA Instituto de História da Arte, Portugal.

**Zsuzsanna Varga**  - PhD em Literatura Inglesa, Professora na Universidade de Glasgow, Escócia.

## CONSELHO EDITORIAL

**Ana Miguel Ramos Leite**  - Doutoranda em Estudos Globais, Universidade Aberta/L'École des hautes études em sciences sociales (EHESS), Portugal.

**Bruno Miranda Braga**  - Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, Brasil.

**Luís F. C. Henriques**  - Doutorando em Musicologia, Universidade de Évora; Colaborador do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical na Universidade de Évora, Portugal.

**Manuel J. Gandra**  - Licenciado em Filosofia, Professor Auxiliar Equiparado no IADE - Universidade Europeia, Portugal.

# **ESTATUTO EDITORIAL**

- I – A **Herança – Revista de História, Património e Cultura**, conhecida também pelas formas abreviadas de **Herança**, é uma publicação periódica. Propriedade da Editora: Ponteditora.
- II – A **Herança** dedica-se à pluralidade de temas que envolvem a História, o Património, material e imaterial, e a Cultura.
- III – A linha editorial da **Herança** publica textos inéditos dedicados à investigação científica e como a Arqueologia, Arquitetura, História da Arte, Conservação e Restauro, Gestão e Estudos da Cultura, entre outras.
- IV – A **Herança** tem por missão fomentar a ciência em português e estimular a investigação e a elaboração de estudos e ensaios nos países da CPLP e da Diáspora de língua portuguesa.
- V – A **Herança** é editada semestralmente, online, em língua portuguesa e inglesa, sendo disseminada em todo o mundo através da Internet.
- VI – A **Herança** terá, aproximadamente, 80 a 180 páginas.
- VII – A **Herança** é, desde a sua génese até à atualidade, publicada na versão online.
- VIII – A **Herança** destina-se a professores, investigadores, estudantes e profissionais, nacionais ou estrangeiros.
- IX – A **Herança** apresenta um corpo editorial técnico e científico, aberto a académicos, investigadores e profissionais oriundos de diversas organizações e empresas relacionadas com a investigação cultural e histórica.
- X – A **Herança** publica artigos académicos e científicos, originais e de revisão, bem como ensaios e resenhas/recensões críticas.
- XI – A aprovação dos manuscritos para publicação regula-se por critérios de pertinência, interesse, qualidade científica e no respeito pela pluralidade de perspetivas. A **Herança** assume-se como independente de qualquer poder político, ideológico ou económico, e orienta-se por critérios de rigor, isenção e inclusão.
- XII – A **Herança** publica em língua portuguesa, assim como em inglês. Em cada artigo estão incluídos o título, resumo e palavras-chave em duas línguas.
- XIII – A revista **Herança** edita [números regulares](#) e [números especiais](#), confiados a investigadores/as credenciados/as das respetivas áreas de especialidade ([orientações para revisores/as](#)), sob a escrutínio e aprovação da Equipa Editorial. Toda a colaboração é submetida a um exigente processo de seleção e revisão

baseado em arbitragem científica e dois modos, cega por pares e por pares aberta.

- XIV** - Almejando os mais elevados padrões de ética na publicação, a Equipa Editorial da **Herança** inspira o seu Código de Ética nas orientações estabelecidas pelo *Committee on Publication Ethics* (COPE, Comité de Ética em Publicações, versão de março, 2011). Nesse código definem-se as responsabilidades de todas as partes envolvidas no ato de publicação da **Herança**.
- XV** - A revista **Herança** pretende promover o intercâmbio de ideias, experiências e projetos entre os autores e editores, contribuindo para a reflexão histórica, cultural e patrimonial e para a sua ligação com a sociedade
- XVI** - A revista **Herança** disponibiliza as Normas para apresentação e publicação de artigos e uma lista anual dos/as revisores/as que colaboram na arbitragem científica dos manuscritos.
- XVII** - A Equipa Editorial da revista **Herança**, assume o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa-fé dos leitores, nos termos nº 1 do artigo 17º da Lei de Imprensa.

## Editorial

*Editorial*

001

### A FORTALEZA DE SANTA CATARINA DE RIBAMAR (PORTIMÃO) NO SÉCULO XVIII: O QUE NOS CONTA A HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA?

*THE FORTRESS OF SANTA CATARINA DE RIBAMAR (PORTIMÃO) IN THE 18TH CENTURY: WHAT DOES THE HISTORY AND ARCHAEOLOGY OF ARCHITECTURE TELL US?*

007

### A REAL FÁBRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE, O REI D. FERNANDO II E A CONDESSA D'EDLA, PARTE 1

*THE ROYAL VISTA ALEGRE PORCELAIN FACTORY, KING FERNANDO II AND THE COUNTESS OF EDLA, PART 1*

027

### ESCOLA DE REFORMA: O NASCIMENTO DO CÁRCERE FEMININO NO BRASIL

*RETIREMENT SCHOOL: THE BIRTH OF FEMALE PRISON IN BRAZIL*

061

### O 'NÚMERO EXTRAORDINÁRIO' DA REVISTA BRASIL-PORTUGAL E O 4.º CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

*THE 'EXTRAORDINARY ISSUE' OF THE BRASIL-PORTUGAL MAGAZINE AND THE 4TH CENTENARY OF THE DISCOVERY OF BRAZIL*

103

BRASIL

119

**LITERATURAS DA AMÉRICA LADINA: UM  
PERCURSO PELAS LITERATURAS DE AUTORIA  
NEGRA LATINO-AMERICANA**

*AMÉRICA LADINA'S LITERATURES: A JOURNEY  
THROUGH BLACK LATIN AMERICAN AUTHORSHIP*

141

**AS MARGENS VISTAS DE FORA: DOIS  
FENÓMENOS SINGULARES DA HISTÓRIA DA  
LITERATURA BRASILEIRA DOS SÉCULOS XX E  
XXI**

*THE MARGINS VIEWED FROM THE OUTSIDE: TWO  
PECULIAR PHENOMENA OF THE HISTORY OF  
BRAZILIAN LITERATURE OF THE 20TH AND 21ST  
CENTURIES*

155

**A NARRATIVA TRADICIONAL COMO RUÍNA NO  
CONTO BOLA DE SEBO, DE GUY DE  
MAUPASSANT**

*THE TRADITIONAL NARRATIVE AS RUIN IN THE  
SHORT STORY BOULE DE SUIF, BY GUY DE  
MAUPASSANT*

165

**FRANCISCO DE ASSIS (1181 OU 1182): UM  
PARADOXO DO SEU TEMPO**

*FRANCISCO DE ASSIS (1181 OR 1182): A PARADOX  
OF HIS TIME*



# ÍNDICE

**AS ESCULTURAS DE SANTOS COMO EXPRESSÃO DA ARTE E DA RELIGIÃO MATERIAL BRASILEIRAS**

*THE SCULPTURES OF SAINTS AS EXPRESSION OF BRAZILIAN ART AND MATERIAL RELIGION*

179

**RETHINKING TOURISTIFICATION AS A LONG-TERM PROCESS**

**THE IMPACT OF TOURISM ON THE MADEIRAN CUISINE (19TH-21ST CENTURIES)**

*REPENSANDO A TURISTIFICAÇÃO COMO UM PROCESSO A LONGO PRAZO*

*O IMPACTO DO TURISMO NA COZINHA MADEIRENSE (SÉCULOS 19-21)*

199

**OLHARES CRUZADOS SOBRE O(S) FEMINISMO(S) E A EDUCAÇÃO FEMININA EM PORTUGAL E NO BRASIL NOS ALVORES DO SÉCULO XX DE CARLA BAPTISTA DE FREITAS**

227

**ÍNDICE DE AUTORAS DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (1841-2021)**

233

## EDITORIAL

«Perdemos repentinamente  
a profundidade dos campos  
os enigmas singulares  
a claridade que juramos conservar  
  
mas levamos anos  
a esquecer alguém  
que apenas nos olhou.»

(José Tolentino Mendonça, in *A Noite Abre Meus Olhos*)

Será uma quase inevitabilidade, por esta altura do ano, pensar em fazer um balanço, como que em modo de justificação, de um ciclo que damos por findo e, esperançosos já num outro, que se nos afigura num horizonte menos distante, em cujas promessas o devir se fará presente e desejavelmente melhor.

A necessidade de se fazer presente perante um passado que não se terá cumprido integralmente (alguma vez o chegará a ser?) dissipado em ausências sentidas (umas mais do que outras), omissões e esquecimentos, confundidos pela poeira do tempo que só esfuma o nosso sentir, mas não deixa tranquilo o nosso olhar.

A epígrafe escolhida serve o propósito de lembrar que nos domínios da memória podemos ser atraídos (atraíamo-nos?) mas na alteridade, no mais profundo do ser humano «ser olhado» ocupa uma centralidade que nos transforma de súbito de um nada, de um restolho, de cinzas, a um tudo, a um ser, a ser vida.

Ao longo dos séculos poder-se-iam sintetizar toda uma panóplia de teses, teorias, conceitos de maior ou menor complexidade, mas a razão mais simples para o encontro que todos e cada um/a anseia passa porventura por algo exterior a nós. Um movimento que terá de ser a combinação de um olhar que fazemos para o nosso interior e que se espelha (talvez) no olhar que se cruza com o nosso, no outro/a. Perdemos demasiadas vezes a oportunidade de humanizar o nosso quotidiano com pequenas coisas que não serão minudências, mas passam como o fossem. É dramático que possa ser nesse intervalo o perder-se o verdadeiro sentido da existência.

O ano que termina representou para tantos o sair de um casulo em que nos enclausurámos, agora protegidos das sucessivas ameaças, com a vitória e conquista da vacinação, combatendo estirpes que teimam em mutações várias, também elas em forma de resistência. E representou ainda, para muitos outros, um fim.

Para quem não sobreviveu a este ciclo de 2019-22 marcado pelo estigma provocado pela pandemia de COVID-19, a guerra, que não se fazia esperar e, entretanto, eclodiu, levou consigo inúmeras vidas que por essa via foram arrastadas, também.

O balanço de 2022 não será a esse título animador. O flagelo continua, assustador, sem fim à vista, ou saída anunciada. As consequências da guerra em curso bem como as opções estrategicamente pensadas são demasiado pesadas e o ónus dessas não será nunca marcado pela equidade assim como o não é nunca em situações de paz e estabilidade social. As margens têm de ser cuidadas, são sempre as mais vulneráveis, as que mais afastadas estão do centro. Cabe a cada um/a de nós tê-lo presente e dar-lhes primazia, centralidade.

Outros farão certamente melhor o balanço do que o conseguiríamos nos dias que se aproximam e nos canais apropriados. Ainda assim gostaria de deixar uma mensagem de ânimo pois em cada dia que nasce há uma força que com ele se apresenta para que da ideia passemos à ação e nesse movimento, na expressão cunhada por Maria Lamas - em sororidade -, e fraternidade, possamos unir as mãos por causas comuns no combate à pobreza, à violência, no apoio a migrantes, na denúncia das injustiças, pugnando por um mundo em que a justiça esteja ao nível do nosso desejo alcançando os quatro cantos do mundo. Não podem ser as barreiras e as fronteiras de diferentes geografias a ditarem regras de exclusão ignorando os mais elementares valores de que somos herdeiros e depositária(o)s desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Não sendo possível aqui lembrar todas pois são tantas as figuras que não se encontram já entre nós e marcaram a vida do nosso país e do mundo, desde a ciência, à política, à literatura, à cultura deixamos a nota de pesar simbolizada nas escritoras recentemente falecidas de Portugal e Brasil nomeadamente Ana Luísa Amaral e Nélida Piñon precisamente no ano em que se assinala o cinquentenário da publicação de *Novas Cartas Portuguesas* e o centenário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul.

Recordamos com saudade a ausência das estudiosas, intelectuais e pioneiras nos Estudos Anglo-Portugueses e Anglo-Americanos, Maria Leonor Machado de Sousa em 2021 e Maria Laura Bettencourt Pires, em 2022, num ano que marca simultaneamente a morte de Isabel II e a celebração dos 650 anos do Tratado de Tagilde, momento assinalável no firmar da aliança mais antiga do mundo que deixamos destacada através da iniciativa [Portugal –UK 650](#).

Saudamos ainda à distância Évora – eleita Capital Europeia da Cultura em 2027 com Liepaja, na Letónia, e a dotação de um valor acrescido para a área da Cultura em que a nossa publicação se inscreve, bem como a certificação da Women Writers Route - 48.<sup>a</sup> Rota Cultural do Conselho da Europa com que nos congratulamos [Women Writers Route - Cultural Routes](#) (coe.int).

Para finalizar, e ainda com uma nota positiva, damos merecido destaque à iniciativa de diplomacia bilateral realizada ao longo do corrente ano, Temporada Cruzada França-Portugal na qual inúmeros projetos de cariz bastante eclético, em boa hora, tomaram forma no nosso país e em França:

#### [Temporada Portugal-França 2022](#)

Passado que foi o centenário do nascimento do pensador, professor, ativista e pedagogo, Paulo Freire, dele citamos. «Ser cultural ou ser consciente é a forma radical de ser dos humanos, enquanto seres que, refazendo o mundo que não fizeram, fazem o seu mundo e, neste seu fazer e refazer, se refazem a si mesmo. São, porque estão sendo.» É tempo de lembrar a médica Adelaide Cabete, por ocasião da passagem dos 155 anos do seu nascimento, e as propostas sobre educação por ela legadas, algumas na simplicidade da expressão que aqui deixamos: «Vai sempre ensinando a todos tudo quanto souberes, que é assim que a Humanidade há-de progredir e aperfeiçoar-se». E neste tempo de advento (que significa espera) atentemos na dádiva que são a fraternidade e a paz... seja então o primado dos Direitos Humanos – aquele porvir que esteja ao alcance das nossas mãos (e obras).

\*\*\*

Possa a leitura do número que agora se publica em [Herança, Revista de História, Património e Cultura](#), inspirar novas pesquisas, outros olhares e estimulantes diálogos interdisciplinares como o conteúdo eclético e multidisciplinar dos 10 ensaios e as 2 recensões críticas deixa antever.

Isabel Lousada 

Lisboa, 18 Dezembro 2022

\*\*\*

## LI ALGURES QUE OS GREGOS ANTIGOS NÃO ESCREVIAM NECROLÓGIOS

Li algures que os gregos antigos não escreviam necrológios,

quando alguém morria perguntavam apenas:

tinha paixão?

quando alguém morre também eu quero saber da qualidade da sua paixão:

se tinha paixão pelas coisas gerais,

água,

música,

pelo talento de algumas palavras para se moverem no caos,

pelo corpo salvo dos seus precipícios com destino à glória,

paixão pela paixão,

tinha?

e então indago de mim se eu próprio tenho paixão,

se posso morrer gregamente,

que paixão?

os grandes animais selvagens extinguem-se na terra,

os grandes poemas desaparecem nas grandes línguas que desaparecem,

homens e mulheres perdem a aura

na usura,

na política,

no comércio,

na indústria,

dedos conexos, há dedos que se inspiram nos objectos à espera,

trémulos objectos entrando e saindo

dos dez tão poucos dedos para tantos

objectos do mundo

e o que há assim no mundo que responda à pergunta grega,  
pode manter-se a paixão com fruta comida ainda viva,  
e fazer depois com sal grosso uma canção curtida pelas cicatrizes,  
palavra soprada a que forno com que fôlego,  
que alguém perguntasse: tinha paixão?  
afastem de mim a pimenta-do-reino, o gengibre, o cravo-da-índia,  
ponham muito alto a música e que eu dance,  
fluido, infindável, apanhado por toda a luz antiga e moderna,  
os cegos, os temperados, ah não, que ao menos me encontrasse a paixão  
e eu me perdesse nela  
a paixão grega.

(Herberto Helder)



# A REAL FÁBRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE, O REI D. FERNANDO II E A CONDESSA D'EDLA, PARTE 1

*THE ROYAL VISTA ALEGRE PORCELAIN FACTORY, KING FERNANDO II AND THE COUNTESS OF EDLA, PART 1*

António Francisco Arruda de Melo Cota Fevereiro 

ARTIS - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

[antoniofranciscocotafevereiro@gmail.com](mailto:antoniofranciscocotafevereiro@gmail.com)

**Conflito de interesses:** nada a declarar. **Financiamento:** com o apoio da FCT através do financiamento ao ARTIS/IHA, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (UIDB/04189/2020).

Histórico:

**Submissão | Received:** 14/02/2022

**Aprovação | Accepted:** 27/08/2022

**Publicação | Published:** 18/12/2022

**ARTIS**  
INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

27



Todo o conteúdo da Herança – Revista de História, Património e Cultura é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

## RESUMO

---

No Palácio Nacional da Pena há parte de um serviço de mesa e de sobremesa Vista Alegre com o monograma coroado do Rei D. Fernando II, que se sabe ter sido inventariado em 1887, após a sua morte, e adquirido depois do seu segundo casamento em 1869 com a Condessa d'Edla, mas recentemente tem sido divulgado que os serviços foram oferecidos ou encomendados em 1852 ao monarca pela Vista Alegre. Efetivamente, temos vindo a encontrar documentação que cabalmente comprova que foram adquiridos em 1867 conjuntamente com outros, cotejada com bibliografia e peças existentes em instituições museológicas. Este estudo foi complementado com outras peças da mesma porcelana que pertenceram a ambos e é aqui dado a conhecer.

**Palavras-chave:** Família Real Portuguesa, Palácio Nacional da Pena, Palácio das Necessidades, Cerâmica, Porcelana, Património

## ABSTRACT

---

At the Pena National Palace there is part of a Vista Alegre table and dessert service bearing the crowned monogram of King Fernando II, known to have been inventoried in 1887 after the King's death and acquired after his second marriage in 1869 to Countess of Edla, but recently it has been reported that the services were offered or ordered in 1852 by Vista Alegre to the monarch. In fact, we found several documents that fully proves that the services were acquired in 1867 along with others, collated with bibliography and pieces held by museums. This study was complemented with other pieces of the same porcelain that belonged to both and is made known here.

**Keywords:** Portuguese Royal Family, Pena National Palace, Necessidades Palace, Ceramics, Porcelain, Patrimony

## 1. Introdução

O presente artigo aborda as peças em porcelana da então Real Fábrica de Porcelana da Vista Alegre que foram reunidas pelo Rei D. Fernando II (1816-1885) e pela Condessa d'Edla (1836-1929) no Palácio das Necessidades, em Lisboa, e no Palácio da Pena, em Sintra, ao longo da sua vida em comum, mas para compreendermos este conjunto é necessário um breve preâmbulo sobre o espólio de cerâmica agrupado pelo casal<sup>1</sup>.

As peças existentes aqui mencionadas pertencem a instituições museológicas

nacionais e, por isso, ao longo do texto usaram-se as seguintes siglas: PNA é referente ao Palácio Nacional da Ajuda; PNM ao Palácio Nacional de Mafra; PNP ao Palácio Nacional da Pena; PNQ ao Palácio Nacional de Queluz; PNS ao Palácio Nacional de Sintra; MNAA ao Museu Nacional de Arte Antiga e MVA ao Museu Vista Alegre<sup>2</sup>, as quais aparecem conjuntamente com os respetivos números de inventário.

O estudo foi também sustentado com peças existentes em coleções particulares<sup>3</sup>.

## 2. A cerâmica reunida pelo Rei D. Fernando II e pela Condessa d'Edla, breve resumo

Na historiografia portuguesa é conhecida a predileção que o Rei consorte D. Fernando II teve pela cerâmica. Nomeadamente, a que colecionou e a que pintou (Teixeira, 1986; Pereira, 2016; Lopes, 2016), já manifestada aquando do seu casamento com a Rainha D. Maria II de Portugal (1819-1853) e como temos vindo a constatar na documentação relativa às suas despesas. Após a morte da rainha a aquisição de peças em cerâmica, antiga e coeva, continuou e sensivelmente a partir de 1860 ganhou um novo fôlego com a união à,

então, cantora de ópera suíça-alemã Elise Friederike Hensler (Elisa Frederica). Elisa Hensler era naturalizada americana e foi agraciada com o título de Condessa d'Edla devido ao casamento com o rei celebrado no dia 10 de Junho de 1869 em Lisboa (Ramalho, 2015: 41-55; Rebelo, 2015). De facto, ambos demonstraram uma total sintonia prolífica nos gostos que partilharam, desde a música, à literatura, à botânica, à arquitetura, à pintura, à escultura, ao colecionismo e à cerâmica, entre outros interesses.

<sup>1</sup> Queremos agradecer à Dr.ª Maria de Jesus Monge, Diretora do Museu-Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança, à Dr.ª Marta Páscoa, Arquivista do Museu-Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança, à Elodie Noruegas e ao Carlos Saramago toda a ajuda disponibilizada nesta investigação no Paço Ducal de Vila Viçosa.

<sup>2</sup> Queremos agradecer à Dr.ª Filipa Quatorze, Coordenadora do Museu Vista Alegre, toda a ajuda disponibilizada na identificação das peças e às fotografias aqui reproduzidas.

<sup>3</sup> Agradecemos aos colecionadores particulares a disponibilização das fotografias e da cremeira que serviram para ilustrar este artigo.

Figura 1 - Fotografia do Rei D. Fernando, c. 1855 a 1870, autor desconhecido; 9,6x5,6 cm



Fonte: Coleção particular

Figura 2 - Fotografia da Condessa d'Edla, c. 1860 a 1870, Atelier de Alfred Fillon (1825-1881); 10,5x6,2 cm. A legenda é o seu apelido, mas deturpado com mais um E e um L



Fonte: Coleção particular

Na generalidade o conjunto de cerâmica era composto por peças decorativas e utilitárias de várias proveniências e de épocas cronológicas, refletiva do vasto interesse e conhecimento que ambos tinham. Não descurando um certo critério rigoroso na sua seleção e que foi essencial na sua construção. Colocando estrategicamente uma parte em determinadas peças de mobiliário, de acordo com a função do espaço, para serem devidamente apreciadas por ambos e pelos seus convidados no Palácio das Necessidades, no Palácio da Pena e no Chalet da Condessa, este no parque da Pena em Sintra, onde habitavam em diferentes<sup>1</sup>, assim como algumas peças em faiança da mesma proveniência. No entanto, convém aqui referir que a porcelana foi aperfeiçoada na China e que tentaram durante séculos esconder dos europeus a forma como se fazia.

Da civilização etrusca tinham dois vasos na *Bibliotheca*<sup>2</sup> e uma bilha e um púcaro em barro romanos, recuperados de escavações arqueológicas na *Sálla do Bilhar*<sup>3</sup>, quatro ânforas romanas no *Segundo Corredor*<sup>4</sup> e uma ânfora romana no *Corredor interior*<sup>5</sup> no Palácio das Necessidades<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Como por exemplo um em porcelana japonesa coeva para almoço (PNP, inv. PNP27) e que ainda se encontra no Palácio da Pena. Foi inventariado em 1887 com o N.º 6558 na *Copa* (ANTT, 1887b: 2565v.) e em 1907 foi englobado nos *Serviços diversos* (APNP, 1907: 118). Foi elencado em 1887 na categoria de *Movéis existentes no Palácio da Pena em Cintra / Mobiliários adquiridos depois de 10 de Junho de 1869* e como todas as restantes peças que foram aqui mencionadas. Também tiveram interesse pela cerâmica dita Satsuma e que esteve em voga no terceiro quartel do século XIX, como por exemplo várias peças que compraram em 1877 a Miguel Scarlatti Quadrio, segundo fatura datada de Novembro desse ano, e que foram: 1 par de jarras; 1 caneca; 1 bule; 1 bule para pôr no fogo (parece ter sido em ferro, visto no documento original não mencionarem ser de Satsuma); 2 canecas; 1 chávena e pires; 1 boião e 2 caixas. Esta consecução foi paga a 13 de Dezembro de 1877 (FCB, AHCB, 1877: 36).

<sup>2</sup> Os vasos etruscos foram inventariados em 1887 com o N.º 331 e parece que já existiam antes do casamento do Rei D. Fernando em 1869 com a Condessa d'Edla (ANTT, 1887a: 288). No inventário foram elencados na categoria de *Bens mobiliários que existiam no Real Paço das Necessidades ao tempo do casamento do Mesmo Augusto Senhor em 10 de Junho de 1869*, assim como todas as peças aqui mencionadas. O interesse pelas culturas clássicas é patente na compra de dois pratos em barro

époças do ano. A restante era utilizada nas refeições e conjugada com serviços de prata e de vidro, consoante o formalismo de determinada ocasião. Todavia, é imprescindível resumir-se aqui este conjunto, de acordo com a proveniência e a cronologia, de forma a o compreendermos e a ter uma visão global dos seus interesses.

A nível da cerâmica oriental houve uma forte apetência pela porcelana chinesa e japonesa antiga e coeva de peças decorativas, peças utilitárias, serviços de mesa e serviços de bebidas quentes

A nível de cerâmica europeia merece especial menção a alemã, nomeadamente as canecas para cerveja<sup>7</sup> em faiança e em grés do séc. XVIII e peças decorativas do XIX, como por exemplo uma jarra ao gosto egípcio (PNP, inv. PNP323) e um cálice com tampa<sup>8</sup> com a última ceia de Cristo em alto-relevo (PNP, inv. PNP46) em grés no Palácio da Pena<sup>9</sup>.

A porcelana alemã era representada pela prestigiante manufatura de Meissen, ou de Saxe<sup>10</sup> como era comumente conhecida à época em Portugal, fundada em 1710 e a primeira a produzir este tipo de cerâmica na Europa. Granjeou fama na qualidade da pasta,

gregos, no valor de 54\$000 réis, ao leiloeiro Casimiro Cândido da Cunha, com estabelecimento comercial na Rua do Chiado n.º 87 1.º andar, segundo fatura datada de 4 de Abril de 1863 (FCB, AHCB, 1863: 137).

<sup>3</sup> As duas peças foram inventariadas com o N.º 439 e já constavam antes do casamento (ANTT, 1887a: 314v.).

<sup>4</sup> As quatro ânforas já existiam no palácio antes do casamento e foram inventariadas com o N.º 18 (ANTT, 1887a: 217).

<sup>5</sup> Foi inventariada com o N.º 542 e já constava antes do casamento (ANTT, 1887a: 346v.).

<sup>6</sup> A ânfora foi o lote n.º 4473 no leilão de 1892 com o valor de 9\$000 réis (Catalogo, 1892: 81).

<sup>7</sup> Designam-se em alemão por *humpen*.

<sup>8</sup> Entretanto desaparecida.

<sup>9</sup> No inventário do Palácio da Pena de 1874 foram respetivamente marcadas com o N.º 1221 e 1217 (FCB, AHCB, 1874: 61v. a 62). No inventário orfanológico de 1887 as duas peças encontravam-se na Salla comum aos tres quartos no segundo pavimento do Torreão, N.º 6381 a 6382, e já constavam antes do casamento (ANTT, 1887b: 2525 a 2525v.). Foram inventariadas na categoria de *Movéis existentes no Palácio da Pena em Cintra / Mobiliários que já existiam no dia 10 de junho de 1869*, assim como todas as que foram aqui mencionadas.

<sup>10</sup> Por ser produzida na cidade de Meissen no estado da Saxónia.

da pintura, da modelação das peças utilitárias<sup>1</sup> e das decorativas, sobretudo as estatuetas, tornando-se sinónimo de requinte e de realeza. No século XIX os modelos setecentistas continuavam com grande procura e o casal tinha peças decorativas, estatuetas, serviços de mesa<sup>2</sup>, de sobremesa e de bebidas quentes nos dois palácios em que residiram. Também, manifestaram interesse pela porcelana da Königliche Porzellan-Manufaktur<sup>3</sup> de Berlim, mais conhecida pela abreviatura KPM, fundada em 1763 e considerada uma das melhores no seu género. Iguamente reconhecida pela elevada qualidade da pasta, da pintura, da modelação e do desenho inovador das suas peças. O Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla detinham peças decorativas, estatuetas e serviços de mesa<sup>4</sup>, entre outras tipologias, de diferentes cronologias no Palácio das Necessidades. No mesmo palácio tiveram o

usufruto de um par de candelabros em biscuit<sup>5</sup> (PNA, inv.s 3965-3966)<sup>6</sup> da mesma manufatura<sup>7</sup>.

No mesmo palácio constavam duas jarras de *porcellana allemã sendo uma verde e outra côr de rosa tendo cada uma o busto da Excellentissima Senhora Condessa d'Edla*<sup>8</sup>. Realmente, foram enviadas fotografias à A. C. Anger (1849-1933) de Aich<sup>9</sup>, especialista em as reproduzir em peças utilitárias e decorativas de porcelana, através da cantora, compositora e atriz austríaca Constanze Geiger, baronesa von Ruttenstein (1835-1890), e casada com o Príncipe Leopoldo (1824-1884), irmão de D. Fernando, para figurarem em 6 jarras e 6 cinzeiros, segundo a fatura datada de 24 de Julho de 1872 (FCB, AHCB, 1873: 182)<sup>10</sup>.

Da Manufatura de Viena (1718-1864) reuniram peças decorativas, peças utilitárias<sup>11</sup>,

<sup>1</sup> Como por exemplo uma terrina em forma de repolho (PNA, inv. 43377) na Sala do bilhar do Palácio da Pena e dada como existente depois do casamento com o N.º 6801 (ANTT, 1887b: 2621). Curiosamente, no ano de 1864 o Rei D. Fernando adquiriu ao leiloeiro Casimiro Cândido da Cunha 2 jarras por 45\$000, 1 repolho por 15\$000 e 2 potes italianos por 13\$500, como foi discriminado na fatura datada de Dezembro do referido ano (FCB, AHCB, 1864: 5).

<sup>2</sup> A Condessa d'Edla adquiriu em 1872 a Maria da Silva Santos, segundo fatura datada de 28 de Janeiro, um aparelho para chá de Saxe composto por 1 bule, 1 leiteira, 1 prato pequeno e 12 chávenas por 45\$000 réis (FCB, AHCB, 1872: 96).

<sup>3</sup> Real Manufatura de Porcelana.

<sup>4</sup> Nomeadamente, um serviço de mesa inventariado com o N.º 2139 (ANTT, 1887a: 781v. a 782) e foi posteriormente vendido no leilão de 1892, sendo o lote n.º 4057 (Catalogo, 1892: 66). O serviço foi elencado na categoria de Bens mobiliários adquiridos depois de 9 [sic] de junho de mil oitocentos sessenta e nove, como todas as outras peças que foram aqui mencionadas.

<sup>5</sup> Biscuit é a palavra francesa para biscoito, que significa, neste caso, uma peça em porcelana sem vidrado.

<sup>6</sup> Os dois candelabros encontram-se atualmente no Palácio Nacional da Ajuda e têm vindo a ser atribuídos à Wedgwood, a terem pertencido ao Rei D. Fernando e a terem figurado como modelo na Exposição Universal de Londres, em 1851, na historiografia portuguesa (Teixeira, 1986: 242). Todavia, no levantamento documental constatamos que os candelabros eram bens da Casa Real, eram usufruídos pelo monarca no Palácio das Necessidades, foram descritos como sendo de biscuit e, aparentemente, não figuraram na referida exposição (George Virtue, 1851). Temos que salientar o facto de que em toda a documentação consultada os inventariantes são geralmente corretos com a classificação e a atribuição de determinadas peças, por isso, os candelabros nunca foram atribuídos à fábrica inglesa. No ano de 2018 procedemos a um inquérito junto do Wedgwood Museum e que, categoricamente, nos informou de que os candelabros não são da Wedgwood, pelas características

que apresentam na pasta e por não terem realizado esta tipologia. No Palácio das Necessidades os candelabros foram inventariados com o N.º 7827 na categoria de *Relação de Bens de = Terceiro = a Casa Real encontrados no espolio de Sua Magestade ElRey o Senhor Dom Fernando* e foram descritos como sendo de biscuit (ANTT, 1887a: 2977). Nesta mesma verba referem as duas jarras-ovo *Celebridades dos séculos XVI e XVII* (PNA, inv.s 3959-3960) como sendo de Sèvres e quando o são efetivamente (Correia, 2008: 94-102). Posteriormente, foram colocados na *Biblioteca* do mesmo palácio e foram designados como sendo de *louça de género Wedgwood*. No arrolamento judicial republicano os candelabros foram arrolados com o N.º 6858 e foram posteriormente transferidos em 1939 para o Palácio Nacional da Ajuda (APNA, 1910-1911: 950v.).

<sup>7</sup> A atribuição à KPM de Berlim decorreu da investigação do Doutor Samuel Wittwer, atualmente Diretor da Fundação dos Palácios e Jardins Prussianos de Berlim-Brandenburgo, e apresentada no dia 30 de Junho de 2022 na palestra intitulada *Polishing the Crown – The Influence of Artists and Scholars on Royal Berlin Porcelain Orders*, no âmbito do seminário internacional *Fragile Splendour: Prestige, Power and Politics from The Medici to the Present Day* organizado pela Houghton International e que ocorreu de 29 a 30 de Junho do corrente na British Academy.

<sup>8</sup> As duas jarras foram inventariadas nos *Corredores* com o N.º 1627 e foram adquiridas depois do casamento (ANTT, 1887a: 637 a 637v.).

<sup>9</sup> Nos dias de hoje chama-se Doubí e pertence à cidade Karlovy Vary, anteriormente denominada em alemão por Carlsbad. Toda esta região passou para a República Checa após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

<sup>10</sup> Queremos agradecer ao historiador de luminária arménio Ara Kebapcioglu e ao historiador de luminária alemão Heinz Baumann a ajuda na tradução da fatura.

<sup>11</sup> Como por exemplo, uma peça formada por uma bandeja e encimada, ao centro, por um castiçal, tudo em porcelana e

estatuetas<sup>1</sup>, uma terrina<sup>2</sup> e serviços de bebidas quentes, também no Palácio das Necessidades. A manufatura ficou afamada pela exímia qualidade das suas pinturas e o Rei D. Fernando nasceu na cidade de Viena.

Da Real Fabrica de Porcelana del Buen Retiro (1760-1808) de Madrid tinham um medalhão, mas a faiança espanhola tinha maior predominância. Nomeadamente, a presença de exemplares hispano-muçulmanos, da cidade de Toledo, de Sevilha, setecentistas da cidade de Valência<sup>3</sup> e seiscentistas e setecentistas de Talavera de la Reina.

O gosto pela faiança europeia estendeu-se a peças italianas, particularmente as seiscentistas de Viterbo, da cidade de Savona, de Montelupo, a setecentista de Milão e a dos famosos ceramistas della Robbia. Não descuraram a faiança desenvolvida na cidade holandesa de Delft, nomeadamente a datada do século XVII e XVIII, e a das cidades francesas de Marselha, desenvolvida a partir de 1677, a de Rouen e a de Estrasburgo (1721-1780), esta última aperfeiçoada pela família de ceramistas

de origem holandesa Hannong, como por exemplo duas terrinas em forma de pombo (PNA, inv.s 4101-4102)<sup>4</sup>, vários pratos e fruteiros que tiveram no Palácio das Necessidades.

De porcelana francesa coeva tinham vários serviços de mesa, de sobremesa e de bebidas quentes<sup>5</sup> no Palácio das Necessidades e no da Pena, como um serviço de mesa, sobremesa e café da D. Vion (1868-1889), segundo a fatura datada de 24 de Outubro de 1883 (FCB, AHCB, 1884: 58); um serviço de mesa francês, com 223 peças, e um de *dessert*<sup>6</sup>, com 61 peças<sup>7</sup>, adquirido ao leiloeiro Casimiro Cândido da Cunha e segundo a fatura datada de 2 de Abril de 1861 (FCB, AHCB, 1861: 54)<sup>8</sup>; um de *louça fina para meza, de porcellana franceza* comprado em 1870 (FCB, AHCB, 1870 a 1871: 259) e um serviço de mesa, sobremesa e café, conjuntamente com quatro cinzeiros à parte, da Pillivuyt, fundada em 1818, com o monograma FC coroado (Fernando Coburgo) e segundo a fatura datada de 28 de Fevereiro de 1884 (FCB,

pintura floral policroma (PNP, inv. PNP208), que no séc. XIX foi designada como guarda-joias ou aneíra, inventariada em 1887 com o N.º 6121 na *Sala immediata ao toilette da Senhora Condessa* e já existia antes do casamento no Palácio da Pena (ANTT, 1887b: 2462v. a 2463).

<sup>1</sup> No Palácio das Necessidades havia várias estatuetas desta manufatura e entre elas um conjunto de cinco, com altura de cerca de 10 cm e com defeitos, inventariadas em 1887 nos *Corredores* com o N.º 1606 e adquiridas depois do casamento (ANTT, 1887a: 629). As cinco estatuetas poderão ser os tocadores de música que ficaram para os herdeiros da Rainha D. Maria Pia e arrolados na *Sala chinesa*, Z" N.º 13, do Palácio da Ajuda (PNP, inv. PNP212) (APNA, 1912: 2758 a 2758v.).

<sup>2</sup> A terrina foi inventariada com o N.º 1528 nos *Corredores*, foi adquirida depois do casamento (ANTT, 1887a: 605v.) e poderá ser a mesma que se encontra atualmente no Palácio Nacional da Pena (PNP, inv. PNP3612).

<sup>3</sup> Nomeadamente, da Real Fábrica de Alcora (1721-1858). No ano de 1875 o Rei D. Fernando comprou 1 tanque hispano-mourisco por 27\$000 réis e 1 prato grande de Alcora por 13\$500 a Luís Maria da Costa, segundo factura datada de 23 de Novembro de 1874 e paga no dia 28 de Janeiro de 1875 (FCB, AHCB, 1875: 89).

<sup>4</sup> As terrinas em forma de pombo estavam na *Sála de jantar*, N.º 446, no inventário de 1887 e já existiam antes do casamento (ANTT, 1887a: 316v. a 317v.). Na documentação relativa às despesas do Rei D. Fernando localizamos a compra de 2 pombos de louça, conjuntamente com 2 carneiros de louça, no valor de 13\$500 réis no Bazar de António Rafael, na Rua Augusta n.º 92

ao 95, segundo a fatura datada de 27 de Março de 1862. No mesmo documento consta a compra de 1 lenço de cambraia bordado por 45\$000, 1 par de castiçais de louça da Índia por 4\$500, 1 leque com figuras por 18\$000 e duas jarras de louça da Índia por 90\$000 (FCB, AHCB, 1862: 22). No ano de 1864 adquiriu ao leiloeiro Casimiro Cândido da Cunha 2 pombos em louça e cada um teve o valor de 18\$000, como consta na fatura datada de 10 de Outubro do mesmo ano (FCB, AHCB, 1864: 13). No dia 22 de Maio de 1871 o rei comprou um prato com frutos em relevo (provavelmente no género Palissy) por 4\$500 e 1 terrina arrendada de Estrasburgo, entre outras peças, como consta na fatura datada de 15 de Maio de 1871 a Luís Maria da Costa (FCB, AHCB, 1871: 77).

<sup>5</sup> No inventário orfanológico mencionam um *tête-à-tête* de porcelana francesa, moderno, marca Bilonchour, composto por 1 salva, 1 bule, 1 leiteira, 1 açucareiro e 2 chávenas com pires em forma de concha, mas após várias pesquisas não conseguimos determinar a marca. O serviço foi depois leiloado e foi o lote 3301 com o valor de 20\$000 réis (Catalogo, 1892: 46).

<sup>6</sup> Sobremesa.

<sup>7</sup> O monarca tinha um serviço de sobremesa francês, com *tarja verde e flores de matiz no centro*, e composto por 2 centros, 11 salvas com pé, 2 terrinas com prato, 27 pratos de guardanapo e 7 pratos de sobremesa. Foi mencionado no inventário orfanológico em 1887 e classificado com o N.º 1335 na *Cópa* e adquirido depois do casamento (ANTT, 1887a: 548 a 548v.).

<sup>8</sup> O serviço de mesa teve o valor de 80\$000 réis e o de sobremesa de 45\$000.

AHCB, 1884: 38)<sup>1</sup>. Os serviços da Pillivuyt passaram depois para a nora do rei, a Rainha D. Maria Pia (1847-1911), ou o neto, o Infante D. Afonso (1865-1920), e foram arrolados no Palácio da Ajuda<sup>2</sup> e desconhecemos o seu atual paradeiro.

A nível de porcelana decorativa francesa tinham peças do famoso ceramista francês Jacob Petit (1797-1868)<sup>3</sup> e que se notabilizou pelas suas criações na manufatura que fundou, em 1830, com o seu irmão. Tinha fábricas em Fontainebleau e Belleville e o depósito em Paris era no n.º 32 da Rue de Bondy, onde se podia adquirir vários artigos artísticos, *de nouveaute, de goût et de fantaisie, abat-jour en porcelaine transparente avec fleurs et sujets diaphanes*<sup>4</sup> (Didot-Bottin, 1855: 791). As peças que criou caracterizam-se pela reinterpretação de épocas passadas, com especial ênfase na do rococó, e pela natureza em novas formas e em tipologias utilitárias, como um par de jarras (PNP, inv.s PNP319/1/2) que esteve na *Sala de entrada pela escada das cabaças* no Palácio da Pena<sup>5</sup>; um par de perfumadores *com figuras turcas* no *toilette* do *Segundo quarto principal para hospedes*<sup>6</sup> na Pena e um serviço para chá e

para café *com fundo côr de roza* no Chalet da Condessa<sup>7</sup>. Não podemos também deixar de mencionar um tinteiro em forma de laranja que pertenceu à Rainha D. Maria Pia (PNA, inv. 1397) (Reis e Louro, 1987: 110) exemplificativo do virtuosismo técnico de Jacob Petit.

O Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla também não ficaram indiferentes à porcelana desenvolvida pelo ceramista francês Edmé Samson (1810-1891), fundador da firma Samson, Edmé et Cie (1845-1969), e que se notabilizou pela cópia de peças de porcelana oriental e europeia do séc. XVIII. Nelas conseguiu magistralmente quase a mesma coloração da pasta e a reprodução das decorações originais, conjugando-as em alguns exemplares com complexas montagens em metal dourado. Usava marcas opostas às originais e que têm confundido os especialistas (Reis e Louro, 1987: 112-113). Efectivamente, ao lermos o inventário orfanológico do Rei D. Fernando temos vindo a encontrar peças descritas como *imitação de Saxe* ou como *Saxe moderno*, como foi designada a chaleira com trempe de Samson (PNP, inv.s PNP12/1/2)<sup>8</sup>

<sup>1</sup> O serviço em 1887 estava na *Cópa* do Palácio das Necessidades, foi inventariado com o N.º 1330 e foi adquirido depois do casamento (ANTT, 1887a: 548 a 548v.).

<sup>2</sup> O serviço em 1911 foi arrolado na *Arrecadação das pratas e louças*, N.º N.º 255 a 271, do Palácio da Ajuda (APNA, 1911: 1211v. a 1212v.).

<sup>3</sup> O seu verdadeiro apelido era Mordecai.

<sup>4</sup> De novidade, de gosto e de fantasia, abat-jour de porcelana com flores e temas diáfanos, tradução livre do autor.

<sup>5</sup> O par de jarras em 1887 foi inventariado com o N.º 6253 (ANTT, 1887b: 2494v.) e em 1874 encontravam-se no mesmo espaço, N.º 679 e 680 (FCB, AHCB, 1874: 35).

<sup>6</sup> Inventariados com o N.º 6323 (ANTT, 1887b: 2512). Estes aposentos foram depois ocupados pelo Rei D. Manuel II (1889-1932) e neto do Rei D. Fernando.

<sup>7</sup> O serviço para chá e para café foi inventariado com o N.º 7039 na Casa de jantar de família e foi adquirido a 31 de Julho de 1854 ao comerciante italiano Luigi Stampa com loja em Lisboa. Inicialmente foi destinado para a Quinta e Casa da Abelheira (propriedade confinante ao Parque da Pena com habitação e adquirida no mesmo ano pelo monarca) e era composto por 1 cafeteira (no inventário orfanológico foi designada como bule), 1 bule, 1 açucareiro, 1 leiteira, 1 taça de pingos, 18 chávenas com pires e 2 pratos e teve o custo total de 48\$000 réis. Na mesma fatura mencionam a aquisição de outro serviço para chá e para café em porcelana designado como Rocaille, com filetes

dourados, e tinha as seguintes peças: 1 cafeteira, 1 bule, 1 açucareiro, 1 leiteira, 1 taça de pingos, 1 manteigueira, 4 pratos e 12 chávenas com o valor de 31\$500 e com destino para a Casa da Boa Morte [edifício de habitação na Rua Direita da Boa Morte, hoje do Patrocínio, reformulado a pedido do rei e de acordo com o projeto do arquiteto da Casa Real Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896)]. No mesmo documento não podemos deixar de mencionar um serviço de mesa e de sobremesa que teve como destino a Abelheira e comportava as seguintes tipologias: 15 pratos de sopa, 45 de guardanapo ou rasos ou, ainda, ditos chatos, 6 travessas, 1 terrina para sopa, 2 terrinas para molho, 1 saladeira, 2 mostardeiras, 2 saleiros, 2 conserveiras, 36 pratos de sobremesa, 1 centro para fruta, 4 fruteiros redondos, 2 ditos ovados e 2 ditos quadrados, tudo pela quantia de 90\$000 réis. No recibo não mencionam a proveniência ou a marca dos serviços (FCB, AHCB, 1854: 42) (ANTT, 1887b: 2671v.). O serviço para chá e para café côr de rosa foi o único aqui referido que foi elencado na categoria Chalet denominado da Ex.ma Senhora Condessa / Mobiliários existentes no dia 10 de Junho de 1869.

<sup>8</sup> A chaleira foi inventariada com o N.º 1531 nos *Corredores* do palácio e foi adquirida depois do casamento (ANTT, 1887a: 606 a 606v.). O Rei D. Fernando tinha outra chaleira com trempe em porcelana, com a tampa partida, foi descrita como sendo de Saxe, foi inventariada no *Corredor interior* com o N.º 193 e já existia antes do casamento (ANTT, 1887a: 258v.).

inspirada na produção de Meissen que tiveram no Palácio das Necessidades<sup>1</sup>.

A cerâmica francesa desta época atravessava um período de exploração de novas formas, de vidrados e de esmaltes. Nomeadamente, no trabalho desenvolvido pelo célebre ceramista francês Joseph-Théodore Deck (1823-1891) influenciado pela cerâmica islâmica, japonesa e chinesa. A Condessa d'Edla ofereceu ao rei um *médailon encadré tête de femme sur fond or*<sup>2</sup> segundo desenho do pintor francês Raphaël Collin (1850-1916), como consta na factura datada de 4 de Dezembro de 1878 (FCB, AHCB, 1879: 48).

A prestigiante Manufacture Impériale de Sèvres (hoje nacional), fundada em 1740 em Vincennes e transferida em 1756 para Sèvres, era representada por dois vasos com asas e pinturas ao gosto etrusco *da epocha de Napoleão 3.º*, com mísulas em madeira da Suíça no *Atelier* da condessa no Palácio das Necessidades<sup>3</sup>. A referência ao Imperador Napoleão III (1808-1873) é curiosa e poderão ter sido uma oferta<sup>4</sup>, mas infelizmente foram leiloadas em 1892<sup>5</sup> e desconhecemos o seu actual paradeiro.

No conjunto de cerâmica francesa<sup>6</sup> havia um par de jarras, com tampa e flores em relevo, em porcelana marcados HC<sup>7</sup> e que podem ser da Haviland & Co. (Teixeira, 1986: 242), fundada em 1842 em Limoges e tornou-se na mais prolífica e moderna fábrica de porcelana

francesa. Notabilizando-se pela elevada qualidade dos seus produtos e exportando-os em grande quantidade para os Estados Unidos da América.

No espólio do mesmo palácio é imprescindível mencionar-se um serviço de mesa e de sobremesa *de porcellana de Zurich branca com pintura d'aves, e ramages, e ornatos dourados*<sup>8</sup>. Muito possivelmente da manufatura fundada em 1763 na cidade suíça e que se dedicou à produção de serviços utilitários, estatuetas e grupos em porcelana, sendo raros os exemplares que aparecem no mercado. Encerrou em data por determinar e não podemos deixar de aludir à nacionalidade da Condessa d'Edla.

A cerâmica inglesa tinha alcançado um grau de perfeccionismo e de invenção de novas formas que cativou as elites coevas. Nomeadamente, a inimitável fábrica Minton (1793-2005) que passou a ser sinónimo de luxo, de modernidade e de *exquisite taste*. O grande trunfo foi produzir serviços de mesa, de sobremesa e de bebidas quentes, peças de cozinha, peças decorativas e utilitárias em faiança e em porcelana de forma a satisfazer o maior número de pessoas, tornando-se numa das mais influentes do seu tempo. No Palácio das Necessidades tinham um cinzeiro, em forma de uma ave pousada numa parra, no *Gabinete d'El Rey*<sup>9</sup> e uma bilheteira em faiança na *Caza do Banho*<sup>10</sup>. No ano de 1870 encomendaram através do comerciante

<sup>1</sup> No Arquivo da Fundação da Casa de Bragança há fotografias da *Salla de Saxe* do Rei D. Fernando e podemos observar esta chaleira numa das peanhas, com franja, na parede norte.

<sup>2</sup> *Medalhão emoldurado busto de mulher com fundo ouro*, tradução livre do autor.

<sup>3</sup> Inventariados com o N.º 1652 e dados como existentes depois do casamento (ANTT, 1887a: 644 a 644v.).

<sup>4</sup> No mês de outubro de 1871 o Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla estavam a veranear em Paço de Arcos e alugaram *uma carruagem para ir a Lisboa cumprimentar a Imperatriz Eugénia* (1826-1920), mulher do Imperador Napoleão III, então em exílio (FCB, AHCB, 1870 a 1871: 513).

<sup>5</sup> Foram os lotes n.º 2813 e 2814 (Catalogo, 1892: 35).

<sup>6</sup> No mês de novembro de 1871 pagou-se a Claude Joseph Lagrange, agente mercantil, a condução de caixas com amostras

de porcelana que vieram de Paris por terra (FCB, AHCB, 1870 a 1871: 531).

<sup>7</sup> O par de jarras já existia antes do casamento e foi inventariado com o N.º 532 no *Corredor interior* do Palácio das Necessidades (ANTT, 1887a: 543v.).

<sup>8</sup> O serviço foi adquirido depois do casamento e inventariado na *Côpa* com o N.º 1329 (ANTT, 1887a: 547v. a 548).

<sup>9</sup> Inventariado com o N.º 618 e já existente antes do casamento (ANTT, 1887a: 365).

<sup>10</sup> A bilheteira foi adquirida depois do casamento e inventariada com o N.º 2225 (ANTT, 1887a: 809v. a 810). O cinzeiro e a bilheteira foram respetivamente os lotes n.º 2416 e n.º 4565 no leilão de 1892 (Catalogo, 1892: 28 e 86). A bilheteira foi elencada na categoria de *Addicionamento I Bens mobiliários adquiridos depois do dia 10 de Junho de 1869* e foi a única aqui referida.

lisboeta Sebastião Ferreira de Almeida *duas figuras e dois assentos de loiça, que mandou vir d'Inglaterra para o Toilette de S. Ex.<sup>a</sup> a Senhora Condessa d'Edla* (FCB, AHCB, 1870 a 1871: 273), segundo fatura datada de 20 de Novembro de 1870 (FCB, AHCB, 1870: 96)<sup>1</sup>. Trata-se de duas estatuetas de seres humanos designados como Blackamoor <sup>2</sup> (africanos, índios americanos ou mouros), com flores na cabeça, para servirem como floreiras e dois Blackamoor sentados num coxim agachados e com outro para assento no topo, para servirem como bancos (PNP, inv.s PNP3615/1/2). As estatuetas Blackamoor são exemplificativas do gosto pelo exotismo nas artes decorativas europeias desde o séc. XVII e ganharam popularidade nos meados do XIX. A Minton apostou nesta tendência e na Exposição Universal de Paris em 1867 apresentou estatuetas Blackamoor para servirem como floreiras (Virtue and Company, 1868: 21)<sup>3</sup>, que podem ter suscitado o interesse por parte da Condessa d'Edla e comprovando assim que se mantinha informada pelas últimas novidades.

A concorrente da Minton, entre outras, era a Copeland & Garrett, fundada em 1770 como Spode<sup>4</sup> e inventora da porcelana do tipo *bone china*, que consiste em adicionar ossos de animais calcinados à pasta de porcelana dura e obtendo assim uma transparência e brancura superiores. Desta fábrica tinham dois vasos de biscuit com amores em relevo<sup>5</sup> e foram os lotes n.º 3152 e 3153 no leilão de 1892 dos bens do

Rei D. Fernando (Catalogo, 1892: 43). No mesmo leilão foi vendido um guarda-joias em faiança inglesa<sup>6</sup> da seleta loja londrina Thomas Goode & Co.<sup>7</sup>, fundada em 1827, englobado no lote n.º 2871 a 2877 (Catalogo, 1892: 37).

Neste conjunto não podiam faltar exemplares da intemporal Wedgwood, fundada em 1759 pelo ceramista inglês Josiah Wedgwood (1730-1795) e que ocupa um lugar cimeiro no mundo da cerâmica por ter inventado novas pastas nunca antes conseguidas, como o *black basalt*, imitação da pedra basalto; o *jasperware*, pasta branca e que pode ser colorida em vários tons; o *caneware*, um *jasperware* colorido com amarelo para simular canas, e o *creamware* ou *Queen's Ware*, faiança fina em tom creme e apreciada pela Rainha Carlota da Grã-Bretanha (1744-1818). As pastas *black basalt*, *jasperware* e *caneware* são muito específicas e não são consideradas porcelana. A *jasperware* pode ser colorida e numa superfície podem-se sobrepor relevos da mesma pasta em cores opostas, criando assim tridimensionalidade, contraste e um elevado efeito decorativo. O Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla tinham vários exemplares e entre eles uma urna em *black basalt* (PNP, inv. PNP138)<sup>8</sup>, realizada já ao gosto neo-clássico e no período em que o fundador se uniu em parceria com o ceramista inglês Thomas Bentley (1731-1780). Noutras pastas tinham três jarras com fundo azul e

<sup>1</sup> No inventário orfanológico encontravam-se nos *Corredores*, foram adquiridos depois do casamento e foram inventariados com o N.º 1460 (ANTT, 1887a: 581 a 581v.).

<sup>2</sup> União das palavras em inglês *black* (preto) e *moor* (mouro).

<sup>3</sup> Ver a investigação da historiadora de arte norte-americana Adrienne L. Childs intitulada *The Glazed Blackamoor: Minton's Majolica Jardinières and the African Body (1867)*, apresentada no colóquio "La sculpture entre 1850 et 1880" que ocorreu nos dias 26, 27 e 28 de Maio de 2014 na Fondation Singer-Polignac.

<sup>4</sup> A fábrica voltou a este nome em 1970.

<sup>5</sup> No ano de 1872 o Rei D. Fernando adquiriu peças da Copeland & Garrett, segundo a fatura datada de 23 de Maio, mas infelizmente não mencionam as tipologias e as quantidades (FCB, AHCB, 1872: 141). Os vasos com amores foram inventariados com o N.º 1594 nos *Corredores* do Palácio das Necessidades e adquiridos depois do casamento (ANTT, 1887a: 625). No Palácio

Nacional da Pena há dois cache-pots em faiança (PNP, inv.s PNP197/1/2) desta fábrica e do mesmo período cronológico.

<sup>6</sup> Inventariado em 1887 com o N.º 1508 nos *Corredores* do Palácio das Necessidades e adquirido depois do casamento (ANTT, 1887a: 597 a 597v.).

<sup>7</sup> O Rei D. Fernando adquiriu em 1876 a Thomas Goode & Co., segundo a fatura datada de 23 de novembro, as seguintes floreiras: 1 *Double Cupid & Leaf Turquoise & gold*; 1 *Flower Holder Crumpled Leaf and Branch*; 1 *Double Cupid & Tree Flower Holder* e 1 *Stork & Bulrush Flower Holder* (FCB, AHCB, 1877: 12). A Rainha D. Maria Pia tinha um *cabinet plate* (prato decorativo) da Minton, que ostenta a marca usada de 1873 a 1891, marcado para esta loja londrina na *Sala Azul*, M N.º 154, do Palácio da Ajuda (APNA, 1911: 136v.).

<sup>8</sup> A urna já existia antes do casamento e foi inventariada no *Segundo Corredor* com o N.º 27 (ANTT, 1887a: 219).

ornatos em branco e uma peanha<sup>1</sup>; uma leiteira, um açucareiro e uma taça com fundo preto e relevos brancos<sup>2</sup>; uma taça e três pratos em forma de conchas<sup>3</sup>; três pratos em forma de concha e um búzio<sup>4</sup>; um vaso com fundo roxo e riscas brancas<sup>5</sup>; um vaso quadrado com tampa azul e ornatos brancos<sup>6</sup> e um jarro em porcelana<sup>7</sup> no Palácio das Necessidades<sup>8</sup>. No Palácio da Pena tinham na *Sala de visitas* duas jarras com tampas abertas de biscuit Weigwood [sic]<sup>9</sup> e que podem ser os dois perfumadores *jasperware* (PNP, inv.s PNP77/1/2) transferidos do Palácio das Necessidades para o Palácio Nacional da Pena no séc. XX. No Chalet da Condessa referem duas jarras em azul e branco com figuras em relêvo no *Quarto do particular*<sup>10</sup>.

O enorme sucesso alcançado por Wedgwood levou a que outras fábricas inglesas copiassem as suas pastas, modelos e decorações, como a francesa Creil-Montereau (1819-1955) e a espanhola Real Fabrica de Porcelana del Buen Retiro de Madrid, entre outras.

A nível de peças utilitárias inglesas tinham um serviço de mesa, de sobremesa e de bebidas quentes<sup>11</sup> no Chalet da Condessa d'Edla, mas nenhum sobreviveu para apurarmos as marcas e os motivos padronizados<sup>12</sup>.

A cerâmica americana era diminuta e há registo de parte de um serviço em faiança branca no Palácio da Pena composto por: 1 fruteiro; 6 pratos; 1 dito, 4 ditos mais pequenos; 11 pires e 9 chávenas diferentes<sup>13</sup>, sendo raras em território português peças de fabrico norte-americano deste período.

De peças mexicanas seiscentistas tinham dois vasos no Palácio das Necessidades<sup>14</sup>.

A cerâmica portuguesa era igualmente diversificada e representada por exemplares do séc. XVII e XVIII dos principais centros de produção. Nomeadamente, uma bilha e um pote em barro de Estremoz<sup>15</sup> e peças da Real Fabrica de Louça ao Rato (1767-1835) de Lisboa, fundada em 1767 por Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), futuro marquês de Pombal, *cujos productos são hoje*

<sup>1</sup> Inventariadas no *Segundo Corredor* com o N.º 25 e dadas como já existentes antes do casamento (ANTT, 1887a: 218 a 218v.). No arrolamento republicano do Palácio das Necessidades elencaram três floreiras com tampa, dois vasos para flores e quatro solitários cilíndricos todos com fundo azul na *Mantearia - Arrecadação*, respetivamente N.º 4815, 4814 e 4816, e foram posteriormente entregues à Família Real no exílio (APNA, 1910-1911: 657v.).

<sup>2</sup> Conjunto de peças existentes antes do casamento e inventariadas no *Segundo Corredor* com o N.º 26 (ANTT, 1887a: 219).

<sup>3</sup> As peças já existiam ao tempo do casamento e foram inventariadas com o N.º 516 na *Sálla da muzica* (ANTT, 1887a: 340).

<sup>4</sup> Inventariadas com o N.º 517 na *Sálla da muzica* e já existentes na altura do casamento (ANTT, 1887a: 340v.).

<sup>5</sup> Inventariado no *Segundo Corredor* com o N.º 699 e adquirido depois do casamento (ANTT, 1887a: 387v.).

<sup>6</sup> Vaso adquirido depois do casamento e inventariado no *Segundo Corredor* com o N.º 700 (ANTT, 1887a: 387v a 388).

<sup>7</sup> O fabrico de porcelana do tipo *bone china* só começou, depois da morte do fundador, por volta de 1812 e parou em 1822 e retomou novamente em 1878. O jarro foi dado como adquirido depois do casamento e foi inventariado com o N.º 1696 no *Toilette* (ANTT, 1887a: 656).

<sup>8</sup> O vaso roxo, a leiteira, o açucareiro e a taça com fundo preto e o vaso quadrado azul foram os lotes n.º 102 a 107 do leilão de 1892 (Catalogo, 1892: 4).

<sup>9</sup> Os perfumadores foram inventariados na *Sala de visitas* com o N.º 6738 e adquiridos depois do casamento (ANTT, 1887b: 2607v.).

<sup>10</sup> Inventariadas com o N.º 7142 e adquiridas depois do casamento (ANTT, 1887b: 2696 a 2696v.). Foram elencadas na categoria de *Chalet denominado da Ex.ma Senhora Condessa / Mobiliarios adquiridos depois de 10 de Junho de 1869* e são as únicas aqui referidas.

<sup>11</sup> No ano de 1871 veio num navio de guerra inglês uma caixa contendo chávenas e pires em porcelana com o peso de 8 quilos (FCB, AHCB, 1871: 88).

<sup>12</sup> No ano de 1861 o Rei D. Fernando comprou a José Maria da Silva 1 aparelho de louça inglesa no valor de 72\$000 réis, segundo fatura datada de 29 de agosto de 1861 (FCB, AHCB, 1861: 121).

<sup>13</sup> O serviço foi inventariado na *Copa* com o N.º 6006 e já existia antes do casamento (ANTT, 1887b: 2434 a 2434v.).

<sup>14</sup> Os vasos foram inventariados no *Segundo Corredor* com o N.º 23 a 24 e já existiam antes do casamento (ANTT, 1887a: 218 a 218v.). Um dos vasos poderá ter permanecido no Palácio das Necessidades na *Sala dos Espelhos*, N.º 597, ao tempo do Rei. D. Carlos e da Rainha D. Amélia (1865-1951), tendo sido descrito como *Azteque*, e foi depois entregue à Família Real no exílio (APNA, 1910-1911: 93v.).

<sup>15</sup> A bilha e o pote foram inventariados com o N.º 543 e 544 no *Corredor interior* e já existiam antes do casamento (ANTT, 1887a: 346 a 346v.). As peças foram vendidas em leilão e foram, respetivamente, os lotes n.º 4474 e 4475 com o valor de 9\$000 e 6\$000 réis (Catalogo, 1892: 81).

tão apreciados pelos colleccionadores de faianças portuguesas (Pessanha, 1898: 161). O intuito foi o de fabricar faiança ao mesmo nível das europeias, implementando métodos de produção inovadores e criando uma escola para profissionais ligados à indústria cerâmica. O Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla reuniram várias peças utilitárias e decorativas, entre elas um busto da Rainha D. Maria I (1734-1816) (PNQ, inv. PNQ 15A)<sup>1</sup> no Palácio das Necessidades.

No entanto, convém assinalar o significativo apreço que ambos tiveram por uma nova geração de artistas que dinamizou a faiança portuguesa coeva, com especial enfoque no trabalho do checo Wenceslau Cifka (1811-1883) em Lisboa, no de Manuel Cipriano Gomes Mafra (1829-1905)<sup>2</sup> nas Caldas da Rainha (Horta, 2016) e no de António Luís de Jesus (1844-?), ceramista lisboeta ainda pouco estudado e ao qual demos um avanço sobre a sua biografia e parte da sua obra em azulejo (Fevereiro, 2017: 245). Participou em 1865 na Exposição Internacional do Porto, onde levou duas jarras, um jarro e um quadro de azulejos (Catalogo, 1865: 89). As primeiras peças adquiridas ao artista foram no ano de 1868 e na fatura, datada de 30 de abril, constam três

pratos (FCB, AHCB, 1868: 60). No ano de 1871 houve uma segunda consecução de uma mesa, um par de talhas, um par de jarras e dois pratos, como consta na fatura datada de 25 de fevereiro (FCB, AHCB, 1871: 12)<sup>3</sup>. A terceira aquisição foi um *pote de faiança*, segundo a fatura datada de 15 de março de 1879 (FCB, AHCB, 1879: 63). No Palácio das Necessidades tinham duas jarras com asas<sup>4</sup>; um prato com uma ninfa no banho; uma mesa em faiança *imitação do trabalho italiano*<sup>5</sup>; um prato com o busto de um guerreiro e um dito com dois meninos a tocar viola<sup>6</sup>; um prato com o busto do Rei D. Afonso III (1210-1279)<sup>7</sup> e outro com ruínas e o busto de um guerreiro<sup>8</sup>. No Palácio da Pena há registo de ter estado um jarro e um prato<sup>9</sup>; um jarro com *bachanais pintados*<sup>10</sup> e um prato *arrendado* com a efígie do Rei D. Fernando<sup>11</sup>.

O apreço pelos artistas portugueses também se estendeu à pintora, decoradora e rendeira Maria Augusta Bordalo Pinheiro (1841-1915) – irmã do pintor Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), filhos do pintor Manuel Maria Bordalo Pinheiro (1815-1880) e todos apreciados pelo monarca e pela condessa – através de um leque e uma placa em faiança<sup>12</sup> nas Necessidades<sup>13</sup> e um prato com duas flores

<sup>1</sup> O busto da Rainha D. Maria I foi inventariado com o N.º 1473 nos *Corredores* e dado como existente depois do casamento (ANTT, 1887a: 585).

<sup>2</sup> No ano de 1875 o Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla passaram uma temporada, nos meses do verão, nas Caldas da Rainha e alugaram a habitação do ceramista para alojamento dos criados. No mês de outubro o ceramista na feira de Belém em Lisboa vendeu ao casal vários exemplares em faiança (FCB, AHCB, 1875: 77 e 97).

<sup>3</sup> O pintor apresentou-se como *fabricante de faianças* na Rua da Santíssima Trindade n.º 11 em Lisboa. A mesa teve o valor de 90\$000, o par de talhas 45\$000, o par de jarras 45\$000 e os pratos 18\$000. O valor da mesa foi elevado e o artista na fatura justificou-se da seguinte forma: “A verba de 90\$000 pertencente a uma mêza de louça é a mais rezumida possível attendendo a que saem algumas inutilizadas como aconteceu, athé sair uma perfeita. Os de mais objectos são preços de Sua Magestade já conhecidos e os modicos possíveis.” O testemunho é exemplificativo da dificuldade em obter uma peça perfeita saída do forno e como o artista lutou para conseguir uma em boas condições.

<sup>4</sup> As duas jarras foram inventariadas nos *Corredores* com o N.º 1522 e adquiridas depois do casamento (ANTT, 1887a: 603).

<sup>5</sup> Inventariada com o N.º 1719 no *Toilette* e comprada depois do casamento (ANTT, 1887a: 663v.).

<sup>6</sup> Adquiridos depois do casamento e inventariados no *Guarda roupa* com o N.º 1810 e 1811 (ANTT, 1887a: 663v.).

<sup>7</sup> Inventariado no *Guarda roupa* com o N.º 1816 e também adquirido depois do casamento (ANTT, 1887a: 695 a 695v.).

<sup>8</sup> O prato com a ninfa no banho foi lote n.º 2128 (Catalogo, 1892: 19), a mesa em faiança o lote n.º 3367 (Catalogo, 1892: 47), o prato com o busto de guerreiro foi o lote n.º 3595 (Catalogo, 1892: 54) e o prato com o busto do Rei D. Afonso III e o prato com ruínas e o busto de um guerreiro foram respetivamente os lotes n.º 3610 a 3614 (Catalogo, 1892: 55) no leilão de 1892.

<sup>9</sup> Adquiridos antes do casamento e inventariados na *Sála verde* com o N.º 6202 (ANTT, 1887b: 2481 a 2481v.).

<sup>10</sup> Jarro já existente antes do casamento e inventariado com o N.º 6795 na *Sala do bilhar* (ANTT, 1887b: 2619v.).

<sup>11</sup> Já existente antes do casamento e inventariado na *Casa de lavagem de louça* com o N.º 6950 (ANTT, 1887b: 2652).

<sup>12</sup> Peças adquiridas depois do casamento e inventariadas nos *Corredores* com o N.º 1625 (ANTT, 1887a: 636 a 636v.).

<sup>13</sup> No leilão de 1892 o leque a placa constaram no lote n.º 3262 a 3271 (Catalogo, 1892: 45).

pintadas no *Atelier da Senhora Condessa* na Pena<sup>1</sup>.

O gosto pela pintura em cerâmica também foi praticado pelo Rei D. Fernando, pela Condessa d'Edla, pelo filho do monarca, o Rei D. Luís I (1838-1889), e a nora, a Rainha D. Maria Pia, cuja produção é conhecida. No entanto, o filho, o Infante D. Augusto (1847-1889), pintou num prato em faiança um navio em tons de azul<sup>2</sup> e a filha, a Infanta D. Antónia (1845-1913), um prato em faiança em tons de azul e branco<sup>3</sup>, e ambos estiveram no Palácio das Necessidades<sup>4</sup>.

A maioria da produção artística da Família Real foi realizada em exemplares de faiança da então Real Fabrica de Louça em Sacavem (1850-1994) e desta unidade fabril o Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla tinham igualmente peças decorativas e utilitárias; serviços de mesa, de sobremesa e de bebidas quentes nos palácios mencionados e no chalet.

O acervo constituído pelo Rei D. Fernando e pela Condessa d'Edla era notável pela variedade, raridade e quantidade, refletivo do gosto oitocentista pelas épocas<sup>5</sup> e civilizações passadas e pelas últimas novidades. Expresso em peças de qualidade e dispostas para serem devidamente apreciadas num determinado ambiente decorativo, mas vivido quotidianamente, como constatou a princesa e escritora francesa Marie-Lætítia Bonaparte-Wyse (1831-1902), conhecida em Portugal como Maria Rattazzi<sup>6</sup>, ao visitar o casal na Pena (Ramalho, 2015: 73).

O monarca e a condessa reuniram o que de melhor se fez e se fazia em cerâmica. Nomeadamente, um conjunto significativo de porcelana e faiança chinesa e japonesa decorativa e utilitária. O mesmo critério estendeu-se à cerâmica europeia e era representada pelas principais manufaturas, fábricas e centros de produção; cujas peças decorativas, ou já consideradas antigas, foram agrupadas de forma muito seleta. Também detiveram exemplares americanos, mexicanos e romanos, não descurando os melhores exemplares do país natal de cada um, ampliando assim o vasto interesse por outras culturas. No entanto, convém aqui realçar a cerâmica portuguesa agrupada e que, ao fim ao cabo, foi o país que os uniu e o qual aprenderam a amar, a respeitar e a, sobretudo, valorizar a qualidade intrínseca e original da sua produção artística. Deliberadamente, incentivaram vários ceramistas e artistas e encomendaram às emergentes fábricas de cerâmica peças decorativas e utilitárias, fomentando assim o consumo dos bens nacionais e o desenvolvimento industrial que então despontava.

Todavia, devido às vicissitudes históricas, às partilhas após a morte do Rei D. Fernando e a outros fatores, todo este conjunto foi disperso ou desapareceu.

Neste artigo focar-nos-emos nas peças reunidas da Vista Alegre no Palácio das Necessidades e no Palácio da Pena, como iremos abordar em seguida

<sup>1</sup> Inventariado no *Atelier da Senhora Condessa* com o N.º 6765 e dado como existente depois do casamento (ANTT, 1887b: 2613).

<sup>2</sup> Adquirido depois do casamento e inventariado nos *Corredores* com o N.º 1626 (ANTT, 1887a: 636v. a 637).

<sup>3</sup> Dado como existente depois do casamento e inventariado com o N.º 1136 na *Sála de musica* (ANTT, 1887a: 497).

<sup>4</sup> No leilão de 1892 o prato pintado pelo Infante D. Augusto foi o lote n.º 3272 a 3274 (Catalogo, 1892: 45) e o prato pintado pela Infanta D. Antónia o lote n.º 1965 (Catalogo, 1892: 13). Sobre a obra artística da Infanta D. Antónia ver o artigo do Doutor Pedro

Urbano intitulado *D. Antónia de Bragança: rede epistolar e estratégia pessoal* publicado em 2018 na obra *Mulheres em rede / Mujeres en red: Convergências lusófonas* (Urbano, 2018: 115).

<sup>5</sup> A Condessa d'Edla adquiriu em 1869 a Luís Maria da Costa 10 peças de faiança antigas pelo valor de 45\$000 réis, segundo a fatura datada de 10 de outubro do referido ano (FCB, AHCB, 1869: 136).

<sup>6</sup> O apelido é do seu segundo marido, o político italiano Urbano Pio Francesco Rattazzi (1808-1873).

### 3. As peças em porcelana da Vista Alegre reunidas pelo Rei D. Fernando II e pela Condessa d'Edla

A escolha pelos produtos da Vista Alegre era inevitável, visto na altura ser a única unidade fabril dedicada à porcelana em território português. Todavia, é imprescindível enquadrá-la na época em questão, de forma a compreendermos o porquê das consecuições levadas a efeito.

A Vista Alegre foi fundada no ano de 1824 pelo industrial e político José Ferreira Pinto Basto (1774-1839), por alvará régio do Rei D. João VI (1767-1826), como Real Fabrica de Porcelana, Vidros e Processos Chimicos da Vista Alegre, dedicando-se inicialmente à produção de vidro e em 1832 à de porcelana. Apostaram nesta última e aperfeiçoaram-na, a partir de 1835, até atingir uma brancura de boa qualidade, que prima por ter um tom amarelado e luminoso muito peculiar e por ser uma pasta robusta, translúcida e de qualidade inquestionável. Devido a este melhoramento cessaram em 1880 a produção do vidro e dedicaram-se só à porcelana.

A produção inicial é marcadamente inspirada na inglesa<sup>1</sup>, alemã<sup>2</sup> e francesa, sobretudo a de

Sèvres e o então Diretor, o cientista francês Alexandre Brongniart (1770-1847), aconselhou o filho do fundador, Augusto Valério Ferreira Pinto Basto (1807-1902), sobre os processos de fabrico<sup>3</sup> (Gomes, 1883: 28-29).

No ano de 1835 contrataram o pintor ceramista francês Victor François Chartier Rousseau para formar os operários na difícil arte de pintar em cerâmica. Estabelecendo assim uma escola que ainda hoje é profícua e essencial para afirmar a reputação da Vista Alegre a nível internacional. No ano de 1852 sucedeu-lhe o pintor francês Gustave Fortier<sup>4</sup> e coincide a introdução de novos fornos, processos litográficos para aplicar motivos e incute o gosto pela pintura de paisagens (Arez, 1999: 15-39). No ano de 1865 instalaram uma máquina a vapor por Werlong e criaram um museu com os exemplares fabricados (Cunha, 1896a: 165) (Frasco, 2005: 74-91).

A produção deste período foi fortemente influenciada pela francesa, evidenciada na modelação da pasta e na decoração<sup>5</sup>, mas a representação de paisagens e de motivos

<sup>1</sup> A Minton foi uma das fábricas que influenciou o desenho de vários modelos e motivos. Na nossa coleção detemos uma chávena e respetivo pires flagrantemente inspirados nas formas e na decoração da produção inglesa de 1800 a 1820 (fig. 5). Não sabemos se fazia parte de um serviço na altura em produção ou se foi realizada para substituir outra de um serviço inglês.

<sup>2</sup> Nomeadamente, o motivo *Indische Blumen* da Meissen, entre outros.

<sup>3</sup> Especialmente, na procura do caulino para poder produzir a porcelana.

<sup>4</sup> Na obra *A Vista Alegre. Apontamentos para a sua história* João Augusto Marques Gomes diz-nos que o pintor ocupou o cargo de Mestre de Pintura até ao ano de 1856 e novamente de 1861 a 1865. Os mestres de pintura que se lhe seguiram foram: Philippe Fortier, de 1857 a 1860, Joaquim José de Oliveira, de

1866 a 1881 e Francisco da Rocha Freira a partir de 1881 (Gomes, 1883: 45). No entanto, segundo a investigação de Alberto Faria Frasco o pintor Gustave Fortier trabalhou na Fábrica da Vista Alegre de 1851 a 1855 e de 1861 a 1869 (Frasco, 2005: 74).

<sup>5</sup> No catalogo da exposição de 1844 promovida pela Sociedade Promotora da Indústria Nacional mencionam os seguintes conjuntos de porcelana: serviços de mesa, de sobremesa, de café e de chá; serviços de toilette; peças decorativas e estatuetas. Na mesma estiveram as seguintes peças igualmente realizadas pela Fábrica da Vista Alegre: um prato copiado de um prato de um serviço francês de Sua Majestade; uma chávena copiada de outra em porcelana da Saxónia de Sua Majestade (provavelmente

florais gradualmente caminhou para um cunho muito particular e característico, afirmando assim a imagem artística da fábrica.

A Vista Alegre também apostou nos certames nacionais e internacionais como forma de propagandear os seus produtos e incrementando assim as vendas. Neste trabalho ordenamos por ordem cronológica as exposições em que participaram até à morte do Rei D. Fernando e que importa aqui realçar:

- 1838, em Lisboa na exposição organizada pela Sociedade Promotora da Indústria Nacional com peças em vidro;
- 1844, em Lisboa pela mesma sociedade, com peças em vidro e em porcelana;
- 1848, em Lisboa pela mesma organização;
- 1851, em Londres na primeira Exposição Universal que se organizou no Crystal Palace;
- 1855, em Paris na Exposição Universal;
- 1857, no Porto na Exposição Industrial e foram galardoados com uma medalha de prata;
- 1862, em Londres na Exposição Universal;
- 1863, em Braga numa exposição agrícola;
- 1865, no Porto na Exposição Internacional onde tiveram uma segunda medalha de prata;
- 1867, em Paris na Exposição Universal e receberam uma medalha de cobre;
- 1873, em Viena na Exposição Universal e foram galardoados com uma medalha de mérito;

- 1876, em Philadelphia na Exposição Universal e obtiveram uma medalha de cobre;

- 1878, em Paris na Exposição Universal e receberam uma medalha de prata;

- 1882, no Porto na primeira exposição de cerâmica e foram galardoados pelo governo com a medalha de mérito;

- 1882, em Aveiro na exposição do distrito;

- 1883, no Porto na exposição organizada pela Sociedade de Instrução, tendo recebido a medalha de mérito (Arez, 1999: 40-41).

Apesar dos esforços despendidos a Vista Alegre conseguiu levar os seus produtos às principais capitais europeias e aos Estados Unidos da América, mas as peças realizadas neste período não chegaram ao grau de perfeição das realizadas pelas principais fábricas alemãs, inglesas e francesas. É inevitável uma comparação e notamos falências notórias, sobretudo, na modelação da porcelana ao reduzir de tamanho durante a cozedura no forno, a qual necessita de uma temperatura estável e de tecnologia avançada para não deformar a peça, abrir fendas e outras imperfeições, sendo a pintura o veículo para as encobrir e os pequenos pontos escuros que ficam na superfície do vidrado. Estas constatações são evidentes nas peças que abordaremos aqui e que detemos na nossa coleção.

---

de Meissen); uma chávena com esmaltes copiada de outra realizada em Paris e uma caneca com esmaltes copiada de outra chinesa. As peças copiadas indiciam que a fábrica realizava peças

para substituição ou para reprodução, como Samson em Paris, e comprova-se a forte influência francesa e alemã nas peças produzidas (Gomes, 1924: 66-68).

Figura 3 - Prato para fatias, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852-1869/1870-1880); 3x25,6Ø cm



Fonte: Coleção particular

Figura 4 - Prato, Vista Alegre, marca N.º 11 (1852-1869); 2,9x24Ø cm



Fonte: Coleção particular

Figura 5 - Detalhe da composição de frutos e flores do prato anterior e o mesmo gênero de decoração foi realizada nos pratos e nas salvas do serviço de sobremesa de D. Fernando



Fonte: Coleção particular

Figura 6 - Chávenas para café do mesmo molde e decoração diferente, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852-1869/1870-1880); 5,4x7,8x6,1 cm



Fonte: Coleção particular

Figura 7 - Chávena e pires para chá de inspiração inglesa, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852-1869/1870-1880); chávena 6x11x9,20 cm, pires 3,1x140 cm



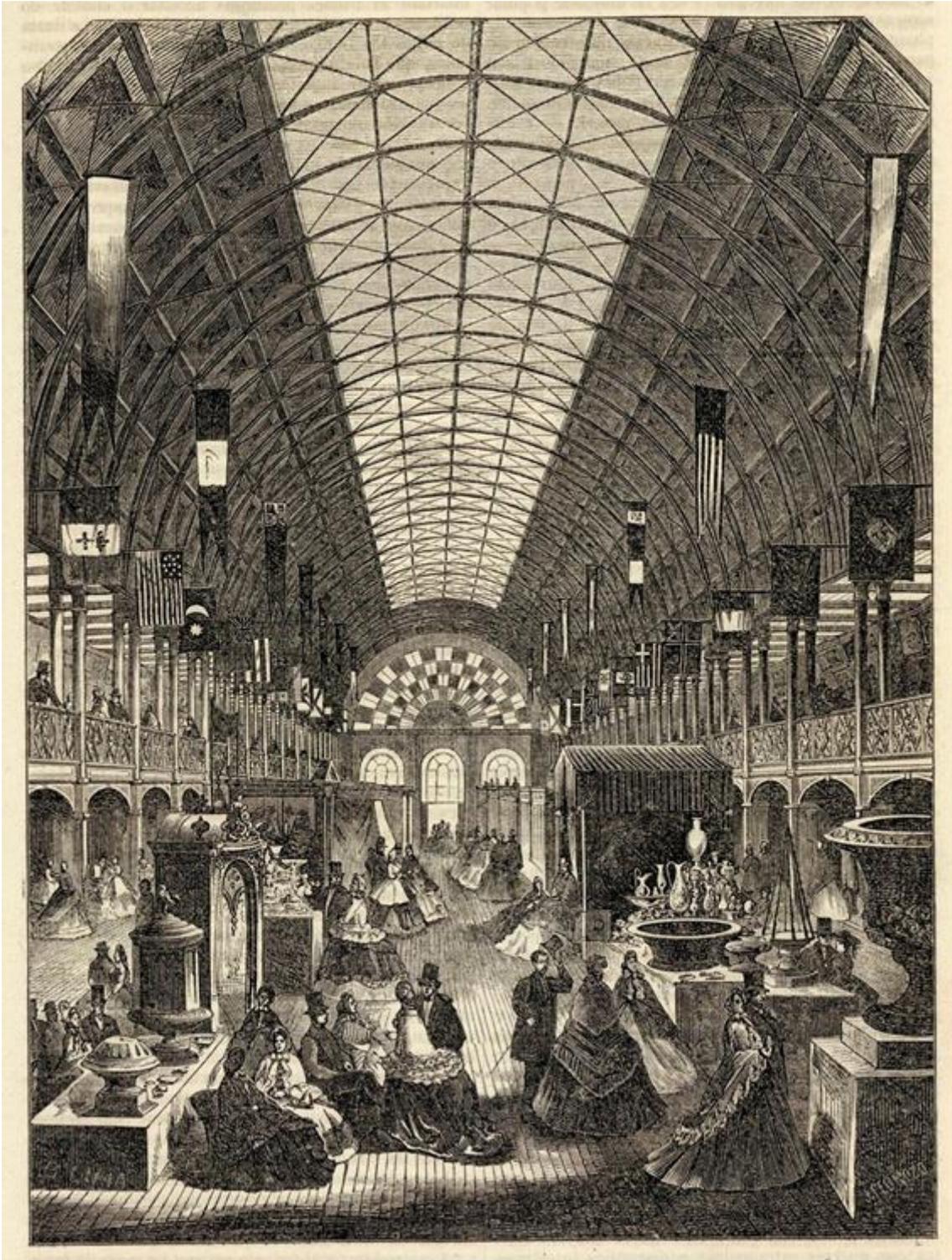
Fonte: Coleção particular

Todavia, devido à persistência e à procura de novos métodos de produção mais económicos (Cunha, 1896a: 165), a fábrica conseguiu produzir vários tipos de serviços e de peças decorativas para um leque abrangente de consumidores, vincando assim a sua posição e primando pela qualidade, como forma de competir com a cerâmica estrangeira importada.

Consequindo, assim, tornar-se num motivo de orgulho nacional e a quem as principais individualidades do país encomendaram peças comemorativas, como por exemplo duas jarras de grande dimensão oferecidas ao Papa Leão XIII (1810-1903) pelo então Bispo de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina (1830-1913) por ocasião em 1887 do seu jubileu sacerdotal

e expostas na galeria La Pigna no Vaticano, conjuntamente com jarras da Manufacture de Sèvres, e outras ofertas de relevo (Cunha, 1896b: 189-190). Neste período a manufatura francesa e a Königliche Porzellan-Manufaktur de Berlim tinham-se especializado em exemplares comemorativos, demonstrativos da elevada qualidade técnica e artística dos seus países, mas, sobretudo, para serem dignos de serem considerados ofertas diplomáticas. O facto de a Vista Alegre ter conseguido atingir o mesmo patamar é louvável e na Exposição Internacional de 1865 no Porto levaram “... numerosas amostras de aparelhos de porcelana, bellos e ricos. Em vasos, principalmente, é que ostentava maior riqueza e mais apurado gosto.” (Barbosa, 1866: 10).

Figura 8 - Nave central do Palácio de Cristal aquando da Exposição Internacional em 1865, com o expositor da Vista Alegre do lado direito



Fonte: Barbosa, Inácio de Vilhena (1865). Porto, Exposição Internacional Portuguesa de 1865. *Archivo Pittoresco Semanario Illustrado*, 8 (43), 337. Proveniência de imagem com créditos à Hemeroteca Municipal de Lisboa

A aquisição de peças da Vista Alegre pelo Rei D. Fernando e pela Condessa d'Edla vem no mesmo seguimento do interesse manifestado pelos artistas e pelas indústrias portuguesas,

favorecendo o seu consumo e inculcando nos restantes cidadãos o apreço pelos produtos nacionais. Realmente, o rei demonstrou sempre um interesse pela indústria nacional e visitou diversas unidades fabris em 1852 na viagem que a Família Real fez ao norte do país. No dia 24 de Maio, “... *chegaram os reaes viajantes a Coimbra de regresso á capital, visitando el-rei no caminho a importante fabrica da Vista Alegre.*”

*O rei D. Fernando desejou entrar na fabrica estando os operarios a trabalhar. Visitou as officinas, conversando com os artistas a proposito dos seus trabalhos, e informando-se de tudo detidamente. O esclarecido principe foi ali alvo de vivas acclamações.*” (Coelho, 1878: 108)<sup>1</sup>

Na visita à fábrica<sup>2</sup> o rei foi acompanhado pelo filho<sup>3</sup>, o futuro Rei D. Pedro V (1837-1861), e “... *examinaram minuciosamente todo o processo da fabricação.*” (Gomes, 1924: 96-97)<sup>4</sup>

No ano de 1867 o rei e a futura Condessa d’Edla fizeram uma compra direta à fábrica, num momento em que se equipava para melhorar os seus produtos, de dois serviços de mesa, sobremesa e de café, um aparelho à francesa e

outro com as armas reais que iremos abordar, mas antes começaremos pela reunião dos exemplares no Palácio das Necessidades e no da Pena.

No Palácio das Necessidades tiveram na *Sála de musica* um fruteiro representando menino sustentando um cesto, primeiro trabalho da fabrica de Vista Alegre<sup>5</sup> e que é visível numa fotografia coeva (Teixeira, 1986: 195), mas foi o lote n.º 1982, no já mencionado leilão dos bens do monarca, e desconhecemos o seu actual paradeiro (Catalogo, 1892: 13).

No mesmo palácio tiveram 1 bule, 1 cafeteira, 1 açucareiro, 1 manteigueiro, 1 taça de pingos, 1 leiteira e 4 pratos de porcelana *branca e dourada em gômos* e 25 chávenas e 15 pires facetados em *branco e friso dourado*<sup>6</sup>. Estes dois conjuntos foram ambos avaliados em 3\$000 réis e foram a leilão pelo mesmo valor, tendo sido respetivamente os lotes n.º 4372 e 4373 (Catalogo, 1892: 77).

Na documentação consultada há registo de três aquisições de chávenas da Vista Alegre e a primeira foi através do Depósito de Porcelana da Fábrica de Vista Alegre em Lisboa, na Rua da Conceição (*vulgo Retrozeiros*) n.º 127 ao

<sup>1</sup> O Rei D. Fernando subscreveu 10 assinaturas desta obra em 1878 (FCB, AHCB, 1878, 128).

<sup>2</sup> João Augusto Marques Gomes refere que o Rei D. Fernando se tinha inteirado da Fábrica da Vista Alegre em 1852 aquando da sua visita. Por isso, seguiu-se posteriormente a encomenda de duas jarras, em substituição de duas outras em porcelana chinesa que se tinham partido, e de outras encomendas.

<sup>3</sup> João Augusto Marques Gomes teve acesso ao jornal *Campeão do Vouga* n.º 30, de 29 de maio de 1852 (inexistente na Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Municipal do Porto, Biblioteca Municipal de Aveiro, Biblioteca Geral da Universidade Coimbra e Biblioteca Municipal de Coimbra, após vários inquéritos nossos junto das instituições), e informa-nos que no dia 24 de Maio, segunda-feira, suas Majestades saíram às 7 da manhã. A Rainha D. Maria II partiu para a Palhaça e o Rei D. Fernando, com o então Príncipe Real D. Pedro e futuro Rei D. Pedro V, seguiram para Ílhavo para visitar a Vista Alegre. Foram recebidos na Câmara pelo administrador do concelho e à entrada da fábrica os operários ergueram um arco inspirado na arquitetura clássica. Nele esperava-o o sr. Ferreira Pinto Basto (muito provavelmente um dos filhos do fundador da fábrica e possivelmente o então Diretor Alberto Ferreira Pinto Basto (1809-1881) (Gomes, 1924:100)) que acompanhou o rei e o príncipe numa visita à

capela e às instalações fabris sem quaisquer enfeites. Os operários estavam todos ocupados nas suas tarefas e o sr. Ferreira Pinto Basto quis que os seus convidados vissem a fábrica tal como ela é para melhor a avaliarem. O rei e o príncipe deram mostras de contentamento pelo estado de perfeição em que acharam tudo e dignaram-se a aceitar o almoço oferecido pelo sr. Ferreira Pinto Basto. O rei e o príncipe partiram depois às 11H para a Palhaça para se reunirem à restante Família Real.

<sup>4</sup> No *Periodico dos Pobres no Porto* e no jornal *A Revolução de Setembro* de Lisboa detalharam minuciosamente a visita da Família Real pelo norte do país. No entanto, só mencionam muito resumidamente a viagem que o Rei D. Fernando fez a Aveiro e o facto de que ia passar pela Vista Alegre. Conforme lemos no n.º 124 do referido periódico datado de 27 de maio de 1852 e impresso numa quinta-feira. Os números consultados do jornal *A Revolução de Setembro* foram os seguintes: o 3048 datado de 27 de maio de 1852 e impresso numa quinta-feira e o 3049 no dia 28 de maio de 1852 e impresso numa sexta-feira.

<sup>5</sup> Inventariado na *Sála de musica* com o N.º 1141 e adquirido depois do casamento (ANTT, 1887a: 498).

<sup>6</sup> Adquirido depois do casamento e inventariado na *Cópa* com o N.º 1343 a 1345 (ANTT, 1887a: 552v. a 553).

129, e foram 6 chávenas douradas N.º 2, 6 ditas N.º 3 e 6 ditas N.º 4, como foi discriminado na fatura datada de 22 de junho de 1874 (FCB, AHCB, 1874: 28)<sup>1</sup>. A segunda foi no mesmo depósito, segundo a fatura datada de 17 de novembro de 1874, e foram 24 chávenas com pires em dourado (FCB, AHCB, 1875: 47)<sup>2</sup>. A terceira foi no depósito lisboeta e adquiriram 12 chávenas com pires, frisos em dourado e fundo azul, como consta na fatura datada de 24 de fevereiro de 1880 (FCB, AHCB, 1880: 57)<sup>3</sup>.

Nas Necessidades também tiveram duas taças para caldo com divisória<sup>4</sup> e no *Quarto do particular* o lavatório de murta tinha um serviço de toilette em pó de pedra e uma *tigela de porcellana da fabrica da Vista alegre com braço*<sup>5</sup>, e todo este conjunto foi lote n.º 4314 no leilão citado (Catalogo, 1892: 76).

No Palácio da Pena há registo de ter estado no *Escriptorio* um *pár de jarras de porcellana da fabrica de Vista Alegre, com pinturas etruscas*<sup>6</sup> e na *Sala de Visitas* ou *Claro-Escuro* um par de jarras com fundo azul-escuro e as armas reais,

numa face, e medalhões de flores, na oposta<sup>7</sup>, inspiradas nas de Sèvres e que hoje se encontram no Palácio de Belém.

No *Primeiro quarto do torreão*, que fazia parte dos aposentos para hóspedes já referido, num lavatório de mogno, com pés torneados e pedra branca, esteve um serviço de toilette composto por *bacia, jarro, caixa para sabonetes e pentes, com frizo vermelho*<sup>8</sup>.

Na *Galeria Nobre* esteve uma *floreira de ferro para quatro vasos*<sup>9</sup> em porcelana e um cântaro com prato e púcaro *do feitio dos de Coimbra*<sup>10</sup> (PNP, inv.s PNP2115/1/2)<sup>11</sup>, adquiridos estes últimos no depósito de Lisboa, na Praça do Loreto n.º 13 ao 14, no valor de 15\$000 réis e como consta na fatura datada de 13 de Maio de 1882 (FCB, AHCB, 1882: 59). O cântaro é claramente inspirado nos tradicionais para água e foi pintado num tom avermelhado, para simular o barro, e uma faixa, com fundo branco, no seu perímetro ao nível do bojo,

<sup>1</sup> No Livro de Caixa N.º 26, relativo ao ano de 1874, na folha 57 escreveram travessas em vez de chávenas e foram pagas no dia 8 de agosto do mesmo ano.

<sup>2</sup> Foram pagas no dia 2 de janeiro de 1875.

<sup>3</sup> As consecuições no Depósito de Porcelana da Fábrica da Vista Alegre foram pagas a António Pereira do Vale.

<sup>4</sup> Inventariadas na *Arrecadação* com o N.º 2146 e compradas depois do casamento (ANTT, 1887a: 784 a 784v.).

<sup>5</sup> Já existente antes do casamento e inventariada com o N.º 655 (ANTT, 1887a: 375v. a 376). Poderá ser a taça (MVA 567) que se encontra atualmente no Museu Vista Alegre.

<sup>6</sup> No inventário de 1874 classificaram-nas com o N.º 56 e 57 (FCB, AHCB, 1874: 12v.) e em 1887 encontravam-se no mesmo espaço, mas segundo o N.º 6140 e dadas como existentes antes do casamento (ANTT, 1887b: 2467 a 2467v.). No mercado leiloeiro nacional apareceram duas jarras em forma de balaústre, com decorações à grega e etrusca, figuras humanas sobre fundo castanho avermelhado, com altura de 50 cm, a mesma que as de D. Fernando, e com a seguinte inscrição: *Fabrica da Vista Alegre 20 de Abril de 1866*. A primeira vez que surgiram foi na *Veritas*, lote n.º 196 do leilão n.º 7 de 12 de Março de 2012. As mesmas foram provavelmente o lote n.º 72 do leilão n.º 354, de 13 a 15 de Dezembro de 2017 do Palácio do Correio Velho. A leiloeira informa-nos que há um exemplar idêntico no Museu Nacional de Arte Antiga, que pertenceram à coleção Maria da Conceição Ulrich Pinto Basto e Villas-Bôas (1946-2008), Quinta da Fonteira, e que um exemplar semelhante foi reproduzido na obra *Vista Alegre Porcelanas*, edições Inapa, na página 121. Na obra *A Vista Alegre. Apontamentos para a sua história* João Augusto Marques Gomes teve acesso a uma jarra com as

mesmas características e na altura pertencia a Anibal de Sá (1863-1950) da cidade do Porto (Gomes, 1924: 73).

<sup>7</sup> As jarras foram mencionadas em 1874, N.º 229 (FCB, AHCB, 1874: 18v.), em 1887 estavam na *Sala do Chá*, N.º 6181 e como existentes antes do casamento (ANTT, 1887b: 2476v.), em 1897 no *Quarto das Visitas* (APNP, 1897: 15), em 1907 no mesmo espaço e que se designou por *Sala d'espera* (APNP, 1907: 167), em 1910 e 1919 na mesma localização e o espaço designou-se respetivamente como *Claro escuro*, N.º 508 (ANTT, 1910: 55v. a 56) e *Sala Claro-Escuro*, N.º 432 (ANTT, 1919: 25v.). As duas jarras, aparentemente, não foram mencionadas nos inventários posteriores a que tivemos acesso. Na obra *Mestres pintores da Vista Alegre*, da autoria de Alberto Faria Frasco, foi fotografada uma jarra (denominada pelo autor como Vaso Rousseau) com as mesmas características que estas e pertencente a uma coleção particular. A pintura foi atribuída a Gustave Fortier (Frasco, 2005: 90-91).

<sup>8</sup> Serviço de toilette já existente antes do casamento e inventariado com o N.º 6300 (ANTT, 1887b: 2506 a 2506v.).

<sup>9</sup> Floreira adquirida depois do casamento e inventariada com o N.º 6635 (ANTT, 1887b: 2584v. a 2585).

<sup>10</sup> Também se denomina por asado na região de Coimbra.

<sup>11</sup> O cântaro com prato e púcaro em 1887 estavam na *Galeria nobre*, N.º 6620 e dados como adquiridos depois do casamento (ANTT, 1887b: 2578v. a 2579), em 1907 foram inventariados na categoria de *Serviços diversos* (APNP, 1907: 123), em 1910 foram arrolados na mesma categoria, N.º 1059 (ANTT, 1910: 88v.), em 1919 estavam na *Sala dos Veados* (N.º 8), N.º 1070 (ANTT, 1919: 61v.) e em 1938 mantiveram-se no mesmo espaço, N.º 901 (APNP, 1938: 20v.).

encerrando uma grega preta sobre fundo creme<sup>1</sup>.

Estas são as peças que foram identificadas nas despesas e no inventário orfanológico, realizado em 1887, dos bens do Rei D. Fernando e onde também constam as que foram adquiridas, em 1867 na então Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre, exceto um aparelho à francesa como iremos explicar<sup>2</sup>.

No dia 24 de outubro de 1867, em Lisboa, Duarte Ferreira Pinto Basto (1803-?), filho do fundador da fábrica, recebeu de João Feliciano Marques Pereira, oficial da secretaria do Rei D. Fernando, a quantia de 1:292\$350 réis por *duas contas de louça de Porcellana, vindas da Fabrica da Vista Alegre* (FCB, AHCB, 1867: 24).

A primeira conta engloba duas faturas referentes a louça *para sua Magestade Elrei o Sñr. D. Fernando* remetidas a Baltazar de Almeida Pimentel, 1º conde de Campanhã (1771-1876), por via de António de Amorim Alvarenga, e que são:

- a primeira é datada de 28 de Janeiro, com o N.º 95, respeitante a um serviço de mesa, sobremesa e café e a um *Apparelho à Francesa, com armas*, com o valor total de 447\$800 réis;

- a segunda data de 14 de Agosto, com o N.º 336, concernente ao reforço e à aquisição de novas tipologias dos serviços anteriores, cujo valor total foi de 123\$680 réis.

Nestas somas incluíram os fretes do transporte até à estação do caminho-de-ferro em Aveiro e apresentaram uma terceira conta relativa a *fretes ao caminho de ferro, e condução para a Boa Vista, e de lá para o Palacio das Necefidades, Condução de uma Caixa com 2 Jarras vindas do Porto, e remeça de amostras para a Fabrica da Vista Alegre* e contabilizaram um total de 11\$400 réis.

O total destas três contas foi de 582\$880 réis.

A referência a duas jarras vindas do Porto é curiosa: poderão ter estado na Exposição Internacional de 1865 e neste momento da investigação não conseguimos traçar o seu paradeiro. O envio de amostras poderá indicar que selecionaram determinados exemplares ou realizaram desenhos para servirem como modelos à realização dos serviços. Efetivamente, no Museu Vista Alegre há dois pratos de sobremesa com o monograma coroado do rei que poderão ter servido para tal fim: o primeiro prato (MVA 564) tem uma faixa rosa com fiada de pérolas, que se desenvolve sinuosamente definindo círculos na aba com um desenho bastante moderno, e o segundo (MVA 657) tem uma faixa azul-claro, que ocupa quase a totalidade da aba, e no sentido axial tem folhagens simétricas, com os talos sobrepostos, com o monograma coroado, e flores e frutos ao centro. Ambos têm as mesmas indicações cursivas e que são: *Fabrica da Vista Alegre 20 de Abril de 1866*. As mesmas folhagens foram empregues em seis pratos, com faixa rosa, para o Imperador D. Pedro II do

<sup>1</sup> No Palácio Nacional da Ajuda há um cântaro completo com as mesmas características que o do Palácio Nacional da Pena. Na obra *A Vista Alegre. Apointamentos para a sua história* publicada em 1924 foi fotografado um cântaro semelhante, mas com decoração diferente. O cântaro pertencia ao então Marquês de Gouveia (1849-1930) (Gomes, 1924: 45). No catálogo denominado *A Fábrica da Vista Alegre - Catálogo da Exposição - Cristais 1824-1924*, realizado por ocasião do 1.º centenário da sua fundação, esteve exposto o mesmo cântaro do Marquês de Gouveia, com o N.º 506, e foi mencionado outro, com o N.º 503. Na mesma fonte informa-nos que o Cântaro Coimbra foi

premiado na Exposição Universal de 1867 em Paris e na exposição organizada pela Sociedade de Instrução em 1883 no Porto.

<sup>2</sup> Há ainda a registar um prato com a aba recortada e relevada com o monograma F do Rei D. Fernando e as armas reais pertencente a uma coleção particular. A aba tem fundo azul, quatro reservas com composições florais policromas e ornatos em dourado. A decoração é da autoria do pintor Gustave Fortier (Frasco, 2005: 80-81). A forma é flagrantemente a dos pratos de sobremesa do serviço da Rainha D. Maria II e realizado antes de 1840 pela manufatura de Edouard Honoré (?-1855) em Paris.

Brasil (1825-1891) (MNAA, inv. 2768-2773) apresenta gastos evidentes no dourado (MVA (Arez, 1999: 25) (Frasco, 2005: 84-85)<sup>1</sup>. No mesmo acervo consta um pires (MVA 658)<sup>2</sup> e um prato de doce da versão final e que apresenta gastos evidentes no dourado (MVA 660), provavelmente enviados para servirem de modelo para uma encomenda<sup>3</sup>.

Figura 9 - Prato com monograma coroado de D. Fernando, Vista Alegre, sem marca (MVA 564); 2,3x23,30 cm



Fonte: "Museu Vista Alegre, Vista Alegre"

<sup>1</sup> A decoração do prato com o monograma coroado de D. Fernando (MVA 657) e a dos seis pratos com o monograma do Imperador D. Pedro II (MNAA, inv. 2768-2773) têm sido atribuídas ao pintor Gustave Fortier (Frasco, 2005: 82-85).

<sup>2</sup> Provavelmente para chávena de chá, tem 2,5 cm de altura e 14 cm de diâmetro e a marca N.º 20 (1852-1869/1870-1880).

<sup>3</sup> No Museu Vista Alegre há também a salientar dois pratos (MVA 399 e 402) com a mesma decoração dos pratos realizados para D. Fernando, sem monograma coroado, e com as seguintes indicações: *J. M. Rose 20 Aout 1867* (J. M. Rose 20 agosto 1867).

Figura 10 - Prato com monograma coroado de D. Fernando, Vista Alegre, marca N.º 16 a punção (1852-1869) (MVA 657); 2,3x23,30 cm



Fonte: "Museu Vista Alegre, Vista Alegre"

Figura 11 - Prato com monograma coroado de D. Fernando, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852-1869/1870-1880) (MVA 660); 2,0x16Ø cm



Fonte: "Museu Vista Alegre, Vista Alegre"

O mesmo procedimento foi seguido nas encomendas para Mademoiselle Hensler englobadas na segunda conta.

A segunda conta foi também remetida para o Conde de Campanhã, pela mesma via, e é composta pelas seguintes faturas:

- a primeira é datada de 28 de Janeiro, com o N.º 94, e refere-se a um *aparelho à Francesa*

com tarja verde e grinaldas de flores no valor de 38\$810 réis;

- a segunda com data de 23 de Março, com o N.º 170, é um serviço de mesa, sobremesa e café no valor total de 561\$260 réis;

- a terceira tem a data de 14 de Agosto, com o N.º 337, e é igualmente o reforço e a aquisição de novas tipologias dos serviços mencionados que custou 98\$690 réis.

O custo com os transportes, seguindo o mesmo percurso anterior, mas com destino à *Caza de Mad.lle Hensler*<sup>1</sup> teve o custo de 10\$710 réis e, com os anteriores, fez um total de 709\$470 réis.

Os serviços de D. Fernando foram depois para o Palácio da Pena, como provaremos nesta investigação, e as peças remanescentes encontram-se no acervo do Palácio Nacional da Pena e no Palácio Nacional da Ajuda.

O *aparelho à francesa* esteve no Palácio das Necessidades e a designação é concernente a tipologias usadas para chá ou para café.

Os serviços encomendados pela Condessa d'Edla foram depois para o Palácio das Necessidades e o *aparelho à francesa*, aparentemente, não foi descrito na documentação consultada.

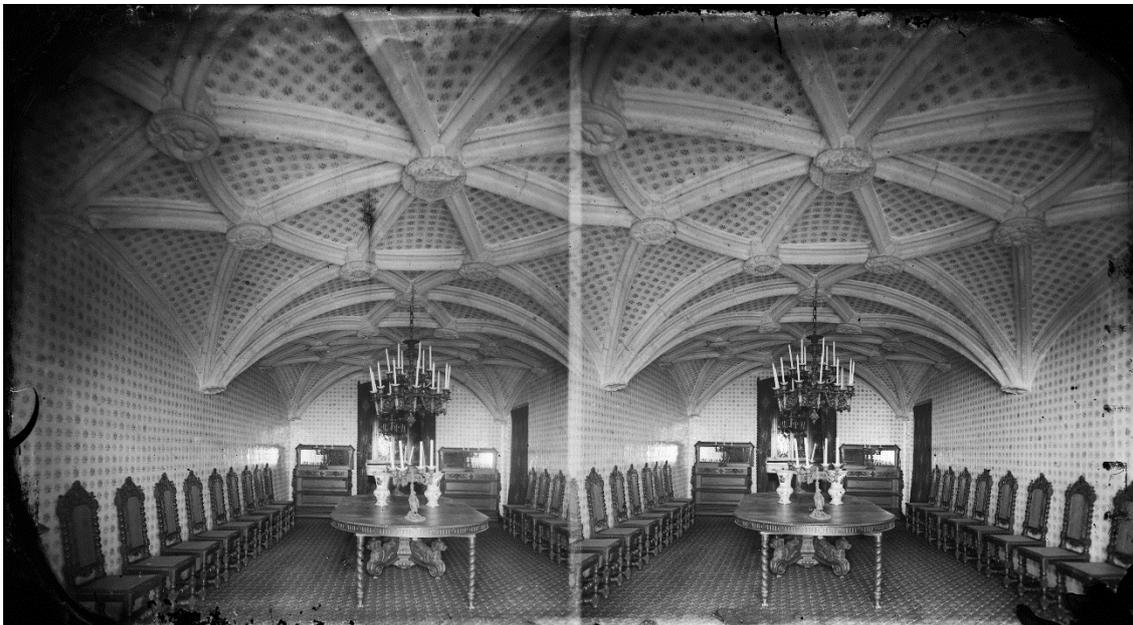
Figura 12 - Palácio da Pena numa fotografia estereoscópica da autoria de Carlos Relvas (1838-1894), 1870 a 1875, 20cmx25cm, negativo de colódio e prata em vidro, cota 00029-000-040



Fonte: Casa-Estúdio Carlos Relvas. Câmara Municipal da Golegã. Fotógrafo: Carlos Relvas

<sup>1</sup> A habitação era na Rua dos Remédios à Lapa em Lisboa.

Figura 13 - Palácio da Pena, a Sala de Jantar onde certamente foram usados os serviços de D. Fernando, numa fotografia estereoscópica da autoria de Carlos Relvas, 1870 a 1875, 20cmx25cm, negativo de colódio e prata em vidro, cota 00029-000-042



Fonte: Casa-Estúdio Carlos Relvas. Câmara Municipal da Golegã. Fotógrafo: Carlos Relvas

O destino dos serviços irá ser abordado na parte 2 deste artigo.

## Fontes documentais

### Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

ANTT, Ministério da Fazenda, Cx. 7808, *Arrolamento do Castello da Pena*, 1910.

ANTT, Ministério da Fazenda, Cx. 7808, *Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da Pena em Cintra, 14 de Julho de 1919*, 1919.

ANTT, Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, 1770-1999, B Cível, X 6.<sup>a</sup> Vara 4.<sup>a</sup> Secção, *Inventário Orfanológico Rei D. Fernando II*, 2.<sup>o</sup> Vol., 1887a.

ANTT, Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, 1770-1999, B Cível, X 6.<sup>a</sup> Vara 4.<sup>a</sup> Secção, *Inventário Orfanológico Rei D. Fernando II*, 3.<sup>o</sup> Vol., 1887b.

### Arquivo Palácio Nacional da Ajuda (APNA)

APNA, Arrolamento Judicial do Palácio das Necessidades, *descrição de todos os bens imobiliários e mobiliários d'este palácio e suas dependências, com discriminação do que seja pertença do Estado e da casa de Bragança e de quanto importe conservar para o paiz como objecto d'arte*, 1910-1911.

APNA, *Republica Portuguesa. Serviço de Justiça. Autos civeis d'arrolamento dos bens moveis existentes no Paço d'Ajuda, que era habitado pela ex-rainha D. Maria Pia e por seu filho D. Affonso*, 1911-1914.

### Arquivo Palácio Nacional da Pena (APNP)

APNP, *Direcção Geral da Fazenda Pública. Repartição do Património. Cadastro dos Bens do Dominio Público. Distrito de Lisboa. Concelho de Sintra*, PNP, inv. PNP1408, 1938.

APNP, *Inventário dos Moveis e mais objectos existentes nas Reaes Propriedades da Pena 1897*, 1897, PNP, inv. PNP678.

APNP, *Inventário dos Moveis e mais objectos existentes nas Reaes Propriedades da Pena / Novo Inventário em 1907*, 1907, PNP, inv. PNP678.

### Fundação da Casa de Bragança, Arquivo Histórico Casa de Bragança (FCB, AHCB)

FCB, AHCB, *Inventario do Real Palacio da Pena. Março de 1874*, 1874, Nova Numeração Geral (NNG) 2681.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1854 Julho Documentos de Despeza*, 1854, NNG 3320, doc. 42.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1861 Abril Documentos de Despeza*, 1861, NNG 3329, doc. 54.

- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1861 Agosto Documentos de Despeza*, 1861, NNG 3329, doc. 121.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1862 Março Documentos de Despeza*, 1862, NNG 3331, doc. 22.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1863 Abril Documentos de Despeza*, 1863, NNG 3333, doc. 137.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1864 Outubro Documentos de Despeza*, 1864, NNG 3336, doc. 13.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1864 Dezembro Documentos de Despeza*, 1864, NNG 3336, doc. 5.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *Documentos de despeza de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, Outubro de 1867*, 1867, NNG 3342, doc. 24.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1868 Abril*, 1868, NNG 3343, doc. 60.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *Setembro de 1869*, 1869, NNG 3346, doc. 136.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *Documentos de despeza Novembro de 1870*, 1870, NNG 3348, doc. 96.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1871 Março*, 1871, NNG 3349, doc. 12.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1871 Junho*, 1871, NNG 3349, doc.s 77 e 88.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1872. Fevereiro*, 1872, NNG 3359, doc. 96.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1872. Maio Despeza*, 1872, NNG 3351, doc. 141.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1873 Agosto*, 1873, NNG 3354, doc. 182.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1874 Agosto. Documentos de Despeza*, 1874, NNG 3356, doc. 28.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1875 - Janeiro*, 1875, NNG 3357, doc.s 47 e 89.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1877 = Janeiro Documentos de despeza*, 1877, NNG 3361, doc. 12.
- FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *1877 = Dezembro Documentos de despeza*, 1877, NNG 3363, doc. 36.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1879 = *Abril Documentos de despeza*, 1879, NNG 3366, doc. 48.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1879 = *Maior Documentos de despeza*, 1879, NNG 3367, doc. 63.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1880 = *Maior Documentos de despeza*, 1880, NNG 3370, doc. 57.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1882 = *Agosto Documentos de despeza*, 1882, NNG 3376, doc. 59.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1884 = *Fevereiro Documentos de despeza*, 1884, NNG 3381, doc. 58.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1884 *Documentos d'Agosto*, 1884, NNG 3382, doc. 38.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, [Caixa N.º 23], 1870 a 1871, NNG 3529.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, [Caixa N.º 27], 1875, NNG 3533.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, [Caixa N.º 30], 1878, NNG 3536.

### **Bibliografia**

Arez, Ilda (1999). *Vista Alegre, portuguese porcelain*. Estar.

Catalogo (1865). *Catalogo Oficial da Exposição Internacional do Porto em 1865*. Typographia do Commercio.

Catalogo (1892). *Catalogo dos Bens Mobiliarios Existentes no Real Palacio das Necessidades pertencentes á herança de Sua Magestade El-Rei D. Fernando e que hão de ser vendidos em leilão*. Typographia Belenense.

Coelho, Francisco José Pinto (1878). *Contemporaneos Illustres, II, D. Fernando II de Portugal*. Imprensa Nacional.

Correia, Cristina Neiva (2008), *Quelques petits souvenirs de Sèvres*. Elementos para o estudo do acervo cerâmico do Palácio Nacional da Ajuda. *Revista de Artes Decorativas*, 2, 85-122.

Didot-Bottin (1855). *Annuaire général du commerce et de l'industrie ou Almanach des 500,000 adresses, classees 1º par ordre alphabétique; - 2º par professions - 3º par rues et numéros*. Firmin-Didot Frères, Fils, et Cie.

Fevereiro, António Francisco Arruda de Melo Cota (2017). A Arte Nova em Lisboa. *Cadernos do Arquivo Municipal*, 7, 227-255.

Frasco, Alberto Faria (2005). *Mestres pintores da Vista Alegre*. Figueirinhas.

- George Virtue (1851). *The Art Journal illustrated catalogue. The Industry of All Nations 1851*. George Virtue.
- Gomes, João Augusto Marques (1883). *A Vista Alegre. Apontamentos para a sua história*. Typographia Commercio e Industria.
- Gomes, João Augusto Marques (1924). *A Vista Alegre. Memória Histórica*. Minerva Central.
- Horta, Cristina Ramos e (2016). *Manuel Mafra. Ceramista da Casa Real Portuguesa*. Caleidoscópio.
- Lopes, Maria Antónia (2016). *D. Fernando II - Um Rei Averso à Política*. Temas e Debates.
- Pereira, António Nunes (coord.) (2016). *Fernando Coburgo fecit, a atividade artística do Rei-Consorte*. Parques de Sintra - Monte da Lua.
- Ramalho, Margarida de Magalhães (2015). *Os Criadores da Pena - D. Fernando II e a Condessa d'Edla*. Parques de Sintra - Monte da Lua.
- Rebelo, Teresa (2015). *Condessa D'Edla*. Alêtheia Editores.
- Reis, Ana Maria Batalha e Louro, Francisco de Carvalho (1987). *Porcelana europeia reservas do Palácio Nacional da Ajuda*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teixeira, José (1986). *D. Fernando II: rei-artista, artista-rei*. Fundação da Casa de Bragança.
- Urbano, Pedro (2018). D. Antónia de Bragança: rede epistolar e estratégia pessoal. In Almeida, Dimitri, Anastácio, Vanda Anastácio, Pérez, María Dolores Martos (Eds.), *Mulheres em rede / Mujeres en red: Convergências lusófonas* (109-126). LIT Verlag.
- Virtue and Company (1868). *The illustrated catalogue of the Universal exhibition. Published with The Art-journal*. Virtue and Company.

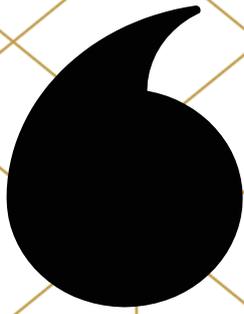
#### Periódicos

- Barbosa, Inácio de Vilhena, "Porto, Exposição Internacional Portuguesa de 1865," *Archivo Pittoresco Semanario Ilustrado*, 8.º Ano N.º 43, 1865, 337-339.
- Barbosa, Inácio de Vilhena, "Porto, Exposição Internacional Portuguesa de 1865 (Vid. pag. 369 do vol. III)," *Archivo Pittoresco Semanario Ilustrado*, 9.º Ano N.º 2, 1866 9-11.
- Cunha, Manuel Ferreira da, "Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre," *Branco e Negro*, 1.º Ano N.º 37, 13 de Dezembro 1896a, 164-165.

# BIBLIOGRAFIA

Cunha, Manuel Ferreira da, “Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre (II) Fabricação da porcelana dura,” *Branco e Negro*, 1.º Ano N.º 38, 20 de Dezembro 1896b, 188-190.

Pessanha, José D., “A Fabrica de Louça do Rato. Um documento para a sua historia,” *O Archeologo Português. Colecção Illustrada de Materiaes e Noticias. Publicada pelo Museu Ethnologico Português*, Vol. IV (7 a 9), Julho a Setembro 1898, 161.



**“DA VIDA... NÃO FALES NELA”**

“Da vida... não fales nela,  
quando o ritmo pressentes.  
Não fales nela que a mentes.

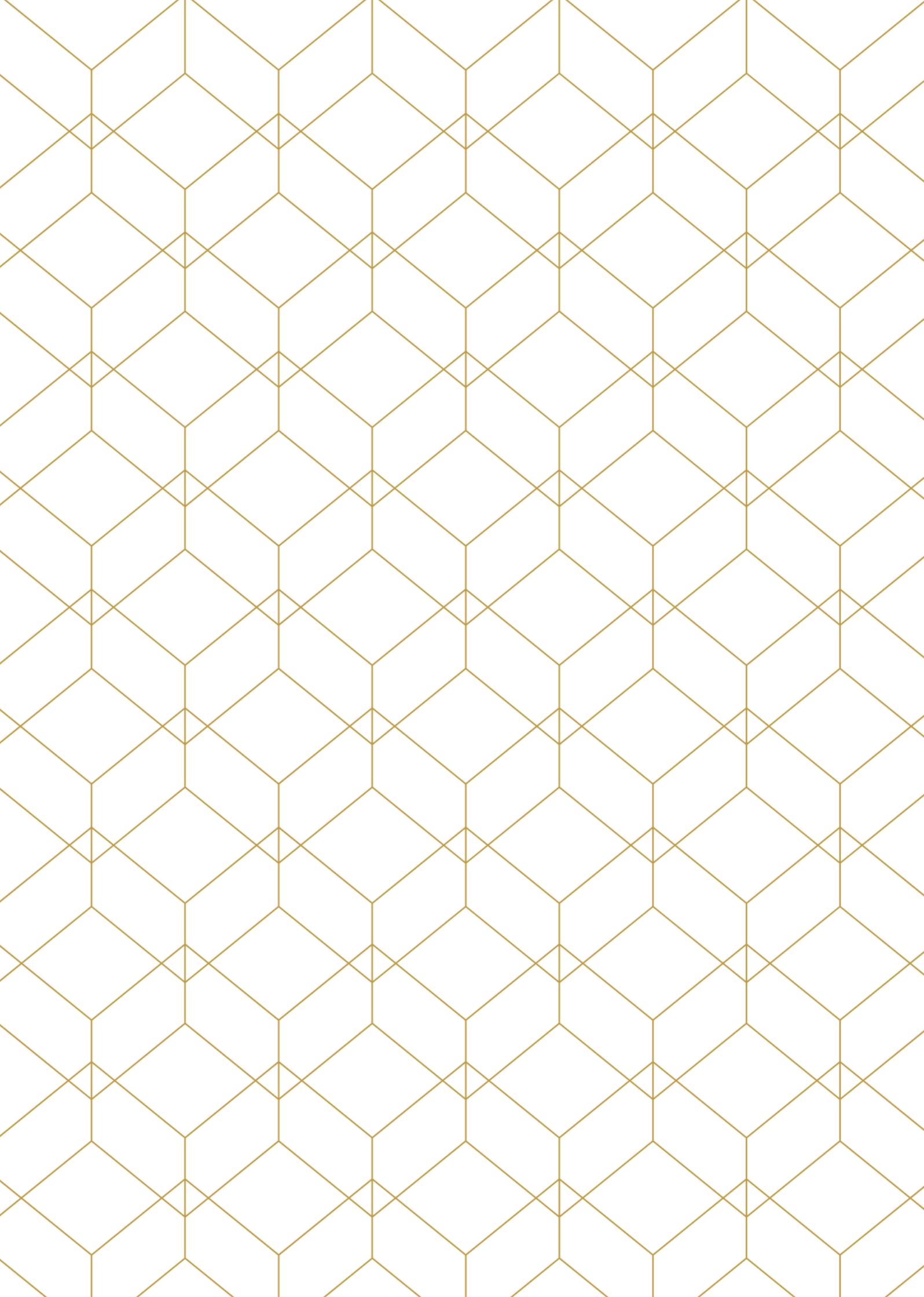
Se os teus olhos se demoram  
em coisas que nada são,  
se os pensamentos se enfloram  
em torno delas e não  
em torno de não saber  
da vida... não fales nela.

Quanto saibas de viver  
nesse olhar se te congela.  
E só a dança é que dança,  
quando o ritmo pressentes.

Se, firme, o ritmo avança,  
é dócil a vida, e mansa...  
Não fales nela, que a mentes.”

**Jorge de Sena** in *Pedra Filosofal*







**HERANÇA**  
Revista de História, Património e Cultura

e

**e<sup>3</sup>** | Revista de Economia  
Empresas e  
Empreendedores  
na CPLP



**HERANÇA**

**J<sup>2</sup>** | Jornal Jurídico

**JIM**  
Jornal de Investigação Médica

**RAE**  
REVISTA DE ATIVOS DE ENGENHARIA

**REM**  
REVISTA DE ESTUDOS DO MAR

**A PÁTRIA**  
JORNAL DA COMUNIDADE CIENTÍFICA DE LÍNGUA PORTUGUESA